



O último objetivo

GIULIA MARUCCI

Sumário

7	Sinopse	54	O pedido dela capítulo 6
8	Apresentação	61	A última oração capítulo 7
11	Elaray Clark capítulo 1	68	Projeto Sunlight capítulo 8
20	Amiga de todos capítulo 2	75	O que é um "estudo bíblico"? capítulo 9
27	O objetivo não cumprido capítulo 3	81	E o mal surgiu assim... capítulo 10
34	Solução para o problema capítulo 4	87	Um pequeno problema capítulo 11
42	A igreja capítulo 5	92	"Você sabe onde ela está?" capítulo 12

95 O asilo
capítulo 13

101 O Clube de
Desbravadores
capítulo 14

104 Aprender
a amá-Lo
capítulo 15

110 Três desejos
capítulo 16

120 Davi, o menino
pastor
capítulo 17

126 Terceiro desejo
capítulo 18

131 Surpresa!
capítulo 19

137 A morte
capítulo 20

146 Depois
da morte
capítulo 21

149 Usando
o hinário
capítulo 22

152 Depois
das férias
capítulo 23

161 Oração
capítulo 24

163 O grande dia
capítulo 25

169 Epílogo

173 Castelo Forte

174 Agradecimentos

Sinopse

Elaray Clark. Para alguns, ela era a garota que estava sempre animada e sorrindo. Para outros, era a adolescente que tocava violino habilidosamente na praça da cidade. Havia também os que pensavam que ela era esquisita, desleixada e motivo de piada. Para Violeta Oliveira, Ely - como costumava chamá-la - era sua melhor amiga, quase uma irmã. Era a garota que a convenceu a aprender a tocar violino, ser otimista e sorrir com mais facilidade.

Elaray era, não é. Mas, por quê? Bem, um acidente de carro tirou sua vida, mesmo tendo apenas 13 anos, trazendo enorme sofrimento para sua família e seus amigos.

Parecia que Violeta tinha ficado com um buraco no peito. Perdeu a melhor amiga, e talvez a única, depois de três anos de amizade. Sentia-se sozinha, insegura e desamparada. O que faria sem Ely, que a ajudava a encontrar beleza nas coisas mais simples?

Mas talvez houvesse alguma esperança para Violeta. Após receber a caixa de pertences secretos de sua amiga, ela encontrou o Caderno de Objetivos Semanais de Elaray. Violeta percebeu que havia apenas um objetivo não riscado, em parte por sua causa. A opção de cumpri-lo no lugar da amiga passou por sua mente. E ela faria isso. *Por Ely!*

Ao decidir tentar, Violeta começou a entender melhor Elaray e suas atitudes incomuns. Passou a descobrir coisas extraordinárias, e a experimentar da mesma alegria que a amiga tinha.

Mas... Ela riscará o último objetivo de Elaray Clark da lista? E que objetivo será esse?

Apresentação

Definitivamente sou incapaz de dizer como escrevi este livro. Simplesmente não tinha sentido algo assim acontecer! Ok, eu sempre gostei de escrever, mas a ideia de “finalizar o trabalho” não entrava na minha cabeça. Ainda não entrou totalmente; minha mãe, Priscilla, pode confirmar. Ela teve que me convencer (o que não foi tão fácil!) a parar de criar mais coisas para a história de *O Último Objetivo* antes que eu a tornasse em um livro de 500 páginas. Mas, com a ajuda de Deus e de mamãe, este livro não ficou tão grande. Afinal... do que se trata *O Último Objetivo*?

Sempre pensei na influência que eu exercia sobre os outros, e vice-versa. Nossa vida é basicamente formada por influências, sejam boas ou... nem tanto. Mas a verdade é que durante o dia inteiro, a mente é invadida por toneladas de coisas que se acomodam no subconsciente e esperam a hora certa de “dar palpites” em nossas escolhas, mesmo sem que percebamos. E somos influenciados o tempo todo, tanto por um amigo que escuta certo tipo de música ou usa determinada marca de roupa quanto por aquele colega da igreja que está sempre animando todo mundo, distribuindo alegria feito oxigênio.

E existem até grupos de pessoas cujos membros interagem entre si e também com integrantes de outros grupos, influenciando uns aos outros, criando as próprias manias, os hábitos, estabelecendo um jeito único de interagir uns com os outros. Isso é chamado de “amigos”, e essas pessoas exercem grande influência na vida de alguém, principalmente se a palavra “adolescente” se encaixar no perfil desse alguém.

A verdade é que nós, adolescentes, somos facilmente influenciados por nosso círculo de amigos. Sim, “nós”, porque no momento em que escrevo este livro tenho 14 anos, então, eu sei bem como é a vida de um adolescente. Enfim, pense um pouco: Quantas coisas você já fez porque algum amigo lhe sugeriu, recomendou, convenceu? Várias, não?

Como cristãos, temos a missão de influenciar nossas companhias com coisas boas, que edificam a alma. É difícil? Nesta vida, quase nada é fácil. Até levantar da cama é complicado, principalmente na segunda-feira! Mas é importante? Claro! Dói? A menos que seu amigo lhe dê um soco no estômago ou algo assim (o que não seria recomendável), não. E, se ele fizer isso, aconselho uma revisão de suas amizades. Então, por que não estamos influenciando nossos colegas? Simples: porque estamos sendo influenciados por eles. Parece que temos uma “tendência” de querer fazer o que os outros fazem, não é? Mas aí está o “xis” da questão: fomos criados para fazer a diferença. E, infelizmente, estamos escolhendo a segunda opção.

É isso que quero lhe mostrar nesta história, além de algumas outras coisas. Quero que você entenda que, mesmo quando você não está por perto, suas ações podem ecoar nas escolhas de outros. Chega a ser divertido ver coisas acontecerem assim, ainda que demorem um pouco.

Então, junte a ideia da influência da amizade com os questionamentos sobre a morte, adicionando a Igreja Adventista do Sétimo Dia e a imaginação adolescente; multiplique isso tudo pela ação do Espírito Santo e *BUM!* O resultado será a fórmula nada mágica de *O Último Objetivo*. Não vale copiar, ok? Brincadeirainha.

É, acho que sou capaz de definir como escrevi este livro: Deus. Sem Ele, eu não teria coragem suficiente para colocar no papel os pensamentos desorganizados de uma ideia aparentemente sem nexos. Na verdade, se não fosse por Ele, eu nem teria esses pensamentos que, com o passar do tempo, foram sendo desenvolvidos, melhorados, criando forma, cor, sentido, até ficar desse jeitinho que você está vendo agora. Só Deus é capaz de chegar para uma adolescente como eu e dizer: “Filha, tenho um

trabalho para você. Pegue sua caneta favorita, algumas folhas e sente-se em um lugar confortável, porque você vai escrever um livro cristão sobre amizade." Ok, a cadeira da sala de aula não é um lugar tão confortável assim para começar a escrever um livro, principalmente na aula de Matemática, mas foi o que aconteceu.

Concluindo, espero que você aproveite a leitura divertida, ainda que meio triste em certos momentos - até chorei um pouco ao escrever - sobre uma dupla de amigas em que uma continuou sendo influenciada mesmo após ser separada "permanentemente" da outra. Também lhe proponho um desafio: que tal parar de ser influenciado e começar a influenciar os que estão ao seu redor? Não só amigos, mas pais, vizinhos, a moça da cantina, todos, sem exceção. E você não precisa se esforçar para isso. É um processo inconsciente, com base nas escolhas conscientes que fazemos desde que levantamos moles de sono de manhã até o momento em que "desmontamos" na cama à noite. Topa o desafio?

Com carinho,

Giulia Marucci

Elaray Clark

capítulo 1

Lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto enquanto o nome dela ecoa em minha mente: *Elaray... Elaray... Elaray...* Como uma lembrança, um sussurro, um motivo de alegria, o nome de alguém importante para mim, de quem jamais esquecerei. Mas agora, um nome que me causará uma pontada de dor pelo resto da vida. *Elaray...* Por quê? *Por quê?!* Não consigo compreender *porque* isso aconteceu...

Minhas pernas enfraquecem e caio de joelhos, desnorteada. Sinto-me fraca, sem chão, despedaçada. Por isso acho que a única coisa a fazer é chorar e sofrer. Minha mãe amavelmente se ajoelha ao meu lado, com lágrimas nos olhos, e me abraça. Agarro-me a ela com força e deixo as lágrimas caírem, molhando sua blusa. Ela acaricia meus curtos cabelos pretos com uma das mãos enquanto a outra sobe e desce pelas minhas costas.

- S-sinto muito, Vi... - diz, com a voz embargada. - Todos nós sentimos muito...

Levanto inesperadamente e corro, cambaleando pelo caminho, o mais rápido que consigo em direção às escadas que levam ao segundo andar de minha casa, onde fica meu quarto. Entro e bato a porta com força. Só preciso de um tempo sozinha... Sem ninguém por perto. E meu quarto é meu refúgio; é onde me escondo do restante do mundo. É onde posso ficar a sós com minha dor.

Lanço-me na cama e aperto o travesseiro fortemente contra o peito, enquanto lágrimas sem fim escorrem pelo meu rosto. Tranco os dentes a ponto de achar que irão quebrar e me permito

sofrer enquanto antigas lembranças invadem minha mente. Deixo meus pensamentos me levarem até ao passado... Três anos atrás...

• • • • •

Massageei, irritada, as pontas de meus dedos da mão esquerda. De tanto apertar as cordas do violão, os calos estavam começando a se formar, mas ainda doíam um pouco. Principalmente quando eu tocava por muito tempo, como na aula de violão, de onde tinha acabado de sair.

Coloquei o instrumento nas costas, peguei a bolsa e fui caminhando de volta para casa. Enquanto andava, comecei a pensar em algumas músicas para tocar na apresentação que se aproximava e montei uma lista mental, tentando me lembrar de mais alguma.

Para ir do conservatório de música até minha casa, que não eram tão distantes um do outro, eu tinha que passar pelo grande parque da cidade. Então eu o atravessei para cortar caminho.

Contornei o enorme e antigo carvalho que fica no meio do parque e parei embaixo dele. Deixei o violão e a bolsa encostados no tronco e sentei em uma das grossas raízes saltadas sobre a calçada de pedra. Fiquei encarando e massageando os calos em meus dedos finos e longos. Não estavam mais doendo tanto, mas ainda assim, eles me incomodavam.

- Os calos estão doendo? - perguntou uma voz feminina que guardarei para sempre no coração.

A voz de Elaray era doce, meiga e animada ao mesmo tempo. Era do tipo que você nunca se cansaria de ouvir, que fazia qualquer pessoa querer sorrir sem ter motivo.

Olhei para cima e me deparei com uma garota de pele clara, cabelos dourados como o sol, levemente ondulados e olhos castanho-escuros. As maçãs de seu rosto eram meigamente coradas, davam a ela um toque de leveza. Aquela era Elaray Clark, minha futura melhor amiga.

- Sim, um pouco - foi o que respondi de maneira desinteressada, desconsiderando a garota que, um dia, faria com que eu percebesse o quanto ainda existia bondade no mundo.

Elaray usava uma camiseta azul-clara, jeans claros que iam até um pouco mais abaixo dos joelhos, tênis brancos e uma grossa fita cinza-escuro no cabelo, como uma tiara ou uma faixa, formando um laço no lado direito. Um pedaço de sua franja não era preso pela fita, de modo que ela vivia colocando-o para o lado quando fazia esse penteado. Havia delicadeza em cada movimento.

Ela estava sentada em um galho alto do carvalho, com as pernas esticadas e cruzadas sobre ele e as costas apoiadas no grosso tronco da árvore.

- Toca violão? - Elaray perguntou olhando para o instrumento apoiado no tronco ao meu lado.

- Eu não sairia andando com um por aí se não tocasse, não é? - disse, um pouco ríspida.

Olhando para trás, hoje percebo que eu era bem diferente naquela época. Eu era rude, desanimada, desinteressada em tudo que não fosse música e plantas, e não gostava de ninguém; não tinha amigos. Mas meu antigo modo de ser nunca impediu Elaray de se aproximar de mim.

- É verdade, tem razão - ela disse. - Bem, eu também tenho calos de apertar as cordas do violino, mas ainda não estão completamente formados, iguais aos seus. Olhe.

Ela estendeu a mão para que eu pudesse vê-los, mas ela estava em um lugar um pouco alto e eu não me esforcei para notá-los.

- Não consigo ver... nem quero - disse, estressada por ainda estar falando com uma estranha quando não tinha interesse nenhum em ficar ali.

Porém, apesar de ter notado meu evidente estresse, Elaray apenas abriu um largo sorriso, o que me surpreendeu. Geralmente, as pessoas diziam que eu era muito grossa ou que só estava tentando ser amigáveis e que eu não precisava ser assim, mas ela era diferente das outras pessoas. Elaray também tinha um costume que eu admirava e do qual gostava bastante: fazer o que eu menos esperava.

- Qual é seu nome? - ela perguntou, brincando com as folhas de um galho um pouco acima de sua cabeça.

Hesitei por um instante, pensando se era uma boa ideia ou não dizer meu nome a uma estranha que eu queria que desaparecesse

da minha vista o quanto antes. Eu tinha medo das pessoas. Mas, mesmo querendo fugir, respondi de modo um pouco rude, reconheço:

- Violeta.

Elaray inclinou a cabeça para o lado.

- Violeta - repetiu. - Legal conhecer você!

Dizendo isso, ela saltou, caindo em pé bem ao meu lado, porém um pouco para frente. Não posso negar que me assustei.

- O meu é Elaray. A gente se vê por aí, "Vi"!

Ela me deu uma piscadinha brincalhona e saiu correndo pelo parque.

Mal sabia eu que aquela garota e as palavras ditas por ela ficariam gravadas em minha memória para sempre.



Ouçó alguém bater na porta. Não quero conversar com ninguém, não quero ver ninguém. Apenas quero ficar só, com nada além do meu sofrimento. A porta se abre, e eu solto algo parecido com um rouco gemido.

- Vi... - chama Marco, meu irmão.

Marco é quatro anos mais velho que eu, e um rapaz incrível. Ele está sempre me protegendo dos garotos mais velhos que às vezes são muito sem graça comigo; me ajuda com o que eu peço e me dá todo o apoio de que eu preciso, além de me aconselhar e me corrigir. Ok, eu não gosto quando ele faz isso, mas sei que é para o meu bem. Ele nunca fica triste com nada; está o tempo todo com uma postura forte, confiante e determinada. Admiro muito meu irmão mais velho.

Porém, quando Marco entra em meu quarto, não posso negar que fico surpresa. A voz dele é de alguém que estava chorando e que luta para segurar as lágrimas. Seus olhos estão um pouco inchados, e sua postura curvada, como se ele estivesse frágil e desprotegido.

Apesar de Elaray ser minha melhor amiga, ela e Marco formavam uma dupla imbatível quando estavam juntos, e também eram muito amigos. Nem mesmo todo o meu mau humor ganhava da

alegria que eles irradiavam involuntariamente; e meu desânimo, somado ao nervosismo, é bem forte. É lógico que Marco choraria numa situação como essa, mas ainda assim é difícil não ficar surpresa com o que vejo. Nem me lembro de quando o vi assim pela última vez. Talvez quando éramos crianças.

Meu irmão caminha devagar em minha direção e se senta ao meu lado na cama. Ele me puxa para cima delicadamente pelo cotovelo, colocando-me sentada. Apoio minha cabeça em seu ombro, e ele me abraça. Deixo as lágrimas caírem novamente, enquanto ele permanece segurando as suas com bravura.

- E-eu não entendo... - digo, soluçando. - Por que tinha que ser com ela?!

Havia mais quatro pessoas no carro. Poderia ser com qualquer uma delas, mas... tinha que ser com ela?! Por quê?

- Ninguém entende, Vi... - ele diz, com a voz fraca. - Talvez nunca entendamos o motivo.

- Mas eu quero entender! - grito, levantando-me o mais rápido que consigo. - Se eu conseguir entender ao menos uma parte do motivo de isso ter acontecido com Elaray, talvez conseguiria superar um pouco essa dor!

- Ou isso só fizesse você sofrer mais ainda porque iria achar que o motivo não seria bom o suficiente para fazer com que sua melhor amiga morr...

- Pare - interrompo-o.

Marco se cala e sinto um nó na garganta. Não sei por quanto tempo vou chorar toda vez que me lembrar de Ely, nem por quanto tempo vou sentir um enorme vazio no coração. Muito menos por quanto tempo não conseguirei ouvir certa palavra, que ele quase pronunciou.

Sei que ele está certo. Se alguém aparecesse me contando por que minha melhor amiga teve que partir, eu consideraria o motivo sem sentido e inconcebível. Mas, mesmo assim... gostaria de tentar entender.

- Quero ficar sozinha.

- Violeta, eu queria dizer que...

- Já entendi - interrompo-o novamente. - Só preciso de um tempo sem ninguém em volta de mim.

Marco me encara, hesitante. Ele não gosta de me deixar sozinha quando estou sofrendo - ainda mais num momento como esse, em que meu coração está com um buraco bem fundo e não sei se vou superar isso algum dia.

- Você sabe melhor do que qualquer outra pessoa que há momentos em que eu me sinto bem ficando sozinha.

Ele enfim se levanta, beija minha testa carinhosamente e sai do quarto, fechando a porta. Desabo novamente na cama e me deparo com o quadro de moldura azul-clara com uma foto minha e de Elaray sobre meu criado-mudo.

Na foto, estou sentada num dos bancos de madeira do parque e Ely está ao meu lado, com as pernas dobradas e os pés apoiados no banco. Ela segura meus quadrados óculos azuis-marinhos com os braços esticados para cima e o luminoso sorriso nos lábios que ela nunca deixava desaparecer. Admirava a capacidade dela de sorrir facilmente. Nunca mais vou ter o prazer de ver aquele sorriso.

Na foto, eu estou sorrindo discretamente, os olhos quase fechados, talvez por causa do sol, enquanto apoio as mãos sobre o banco.

Ely era basicamente meu oposto. Tinha longos cabelos dourados e não muito lisos nem enrolados, já os meus são curtos na altura dos ombros, totalmente pretos e ondulados. Seus olhos eram castanhos, e sua pele era bronzeada; e os meus são azuis-escuros e sou branca feito leite; e ela não precisava usar óculos com três graus em cada lente. Ela era baixa, mas não tanto, e eu sou alguns bons centímetros maior que ela.

Elaray era alegre, agitada e estava sempre animada e com um sorriso no rosto. Já eu sou desanimada e fico triste com facilidade. Dizem que sou engraçada quando quero, mas na maior parte do tempo o riso não está muito presente em mim.

Levanto e sento na cama. Olho ao redor do quarto e surpreendo-me ao ver a quantidade de coisas que me lembram de Ely: em meu mural de fotos, ela está em grande parte delas. A decoração do quarto é simples, mas eu gosto. Eu tinha retirado meus pôsteres de grupos musicais das paredes, pois sabia que a deixavam incomodada. Agora já não ligo mais para isso.

E o violino que comprei um ano atrás, quando ela me convenceu a começar a aprender a tocar esse instrumento...

Tantas coisas que mudei por influência dela... Mas eu me acostumei com essas mudanças e acabei mudando automaticamente meu jeito de ser e de pensar por meio delas e de outras características de Ely.

Outra lágrima escorre pelo meu rosto. Sinto-me sufocada, então saio do quarto e vou para o jardim dos fundos, tomando o extremo cuidado para que ninguém perceba. Fora o quarto, o jardim dos fundos é meu lugar favorito da casa, e o da minha mãe também. Tanto é que meus pais colocaram um longo balanço de madeira, que se parece com um comprido banco, uma mesa e quatro cadeiras para que nós duas (mais eu do que minha mãe, para falar a verdade) possamos ficar mais confortáveis. Mas ainda assim, às vezes gosto de estender uma toalha na grama e ficar ali, apenas olhando o céu.

Minha mãe, Helena, é biomédica e é apaixonada por plantas. Ela também gosta muito de trabalhar com ervas medicinais (assim como eu), e sabe muito sobre o assunto. Não é à toa que o jardim dos fundos é enorme e repleto de todos os tipos de plantas, medicinais ou não. Minha mãe só não plantou margaridas porque sou alérgica a elas.

Mamãe sempre me ensinou - e ainda ensina - várias coisas sobre os diversos tipos de plantas. Com seis anos, eu já sabia diferenciar várias espécies de flores, árvores e arbustos; agora, com 13 anos, já sei de cor qual solução de ervas e plantas devo usar em diversos casos. Já até sei qual solução usar em casos de envenenamento.

Não que eu veja pessoas sendo envenenadas todos os dias, mas como minha mãe sempre diz: *"Todo conhecimento adquirido ao longo do tempo pode ser útil em algum momento de sua vida, mesmo que sirva para um simples comentário."*

Sento-me no balanço e sinto uma leve brisa bater em meu rosto; respiro fundo. Ouço passos. *Será que ninguém vai me deixar sozinha por cinco segundos?! Viro-me e vejo minha mãe vindo em minha direção. Ela se senta ao meu lado e me puxa para um abraço delicadamente.*

- Vi... você está bem? - ela pergunta, como se não soubesse do óbvio.

- Acabo de descobrir que minha *melhor amiga* deixou de respirar totalmente num acidente de carro enquanto voltava de uma viagem. Então *sim!* - falo, deixando o sarcasmo claro em minha voz abalada. - Estou *muito bem*, mãe!

Será que ela não entende minha dor? Será que ela não vê que Elaray era como uma *irmã* para mim? Será que ela não vê que estou sofrendo?

Ela apenas continua a acariciar os curtos fios de meu cabelo com uma mão enquanto a outra tira os óculos de meu rosto e os põe no balanço, ao seu lado.

Estou triste, com raiva, desamparada, desesperada e sinto um vazio imenso. Este sofrimento parece que não vai ter fim. É como se alguém tivesse pegado meu coração e retirado uma parte dele. Mas sinto que não é justo descontar essa dor em minha mãe ou no Marco. Afinal, eles só estão tentando me consolar, mas eu estou afastando os dois. Tenho uma grande facilidade para afastar as pessoas de quem gosto quando preciso delas.

- Desculpe - digo baixinho. - É que eu não consigo acreditar que ela... se foi para sempre.

- Não diga isso, Violeta! Elaray está descansando num *lugar melhor!* E, quando chegar a hora, você vai encontrar sua amiga novamente.

Essa ideia faz com que o vazio aumente.

- Quero encontrá-la *agora*, mãe!

Ela me encara, extasiada.

- Violeta Oliveira, não diga uma coisa dessas *nunca mais!* Você vai ver Ely de novo na hora certa, não antes disso. Acha que *Elaray Clark* gostaria que você deixasse seus pais, seu irmão, seus amigos e seus sonhos para trás? *Na hora certa*, vocês vão poder se reencontrar.

Penso um pouco a respeito.

- Ela me daria uma bronca enorme! - uma fraca risada escapa de minha boca ao imaginar Elaray brigando comigo.

Não que ela nunca tenha me dado uma bronca, porque já me deu várias. Quando eu fazia, falava ou mesmo pensava alguma

bobagem, ela já vinha com um sermão na ponta da língua, para fazer com que eu me arrependesse; e dava certo. Ela vivia chamando minha atenção, mas por bons e justos motivos. Nunca à toa. E ela sempre sabia o que dizer; falava com bondade. Isso me lembrava uma ovelhinha de pelo branco e macio.

Lembro-me de uma vez em que ela me pegou escutando músicas em inglês sem saber a tradução, e, como ela dominava muito bem o idioma, traduziu todas para mim. As letras não eram nem um pouco... digamos... "interessantes". Ela falou que eu não deveria escutar músicas que eu não conhecesse direito; por causa disso, comecei a verificar a letra de *todas* as músicas que ouço, e isso acabou se tornando um hábito.

- Quando vai ser o enterro? - pergunto, de repente.

- Amanhã à tarde - minha mãe diz, acariciando uma mecha de meu cabelo.

Engulo em seco, pensando no que terei de encarar quando essa hora chegar.

Amiga de Todos

capítulo 2

Visto uma camiseta e uma blusa de frio preta, com uma saia rodada e calço botas de cano médio da mesma cor. Não gosto de maquiagem, então coloco meus óculos e desço as escadas rumo à sala de estar.

Meus pais e o Marco já estão lá. Seguimos em silêncio até o local do velório, e tenho quase certeza de que, se alguém disser algo, eu desmoronarei em lágrimas. Hoje verei o corpo de Elaray; verei minha melhor amiga num caixão. Sei que isso vai me causar muita dor, mas sinto que, se não o fizer, vou perder a chance de vê-la uma última vez, mesmo que ela não possa me ver. Nem sequer respirar.

Minha mãe disse que Elaray foi para o Céu, e que ela pode me ver de lá. Mas, se ela pode me ver, então sabe que estive chorando. Não quero que ela me veja chorar, porque toda vez que ela me via triste, fazia de tudo o que surgia em sua mente para melhorar meu dia. Agora que ela não está mais aqui, vou me esforçar para não dar motivos para ela se preocupar comigo. Quero que Ely veja que vou ficar bem, mesmo que ela esteja ausente.

Ao entrar na sala do velório, vejo várias pessoas chorando, outras se abraçando com olhos marejados. Não me esforço para reconhecer o rosto de ninguém. As lembranças invadiriam minha mente, e eu não teria mais forças para ficar em pé.

A mãe de Elaray, Jade Clark, vem me encontrar assim que me vê. Seus olhos estão inchados e molhados, e sua expressão demonstra que passou a noite em claro, sofrendo. Ela parece fraca e indefesa, como se fosse desmoronar a qualquer segundo. Meu estado de dor é enorme, mas simplesmente não consigo

imaginar como Jade está. Não sei nem como ela conseguiu sair de casa.

Jade é alta e loira, tem olhos castanhos - iguais aos de Ely. Seu rosto é levemente corado, com um sorriso acolhedor. Ela tem uma postura ereta, é sábia e confiante. Quer dizer, Jade *costuma* estar ereta, sábia e confiante, mas, com a morte da filha, ela está mais para um painel de vidro estilhaçado do que para uma guerreira espartana da Grécia Antiga.

Ela me abraça com força, e eu faço o mesmo. Uma lágrima escapa e escorre pelo meu rosto, apesar de eu lutar contra as outras que ameaçam sair. Repito para mim mesma mentalmente que não farei Ely sofrer por minha causa. Porém, não sei se conseguirei segurá-las por muito tempo.

- Sinto muito... - digo, com a voz fraca.
- Outra lágrima escorre. Preciso me controlar.
- Está tudo bem, querida... - ela diz, chorando. - Quer vê-la uma última vez?

Faço que sim com a cabeça, e ela pega minha mão e me leva até o caixão, que é de madeira escura e tem alguns desenhos de flores entalhados dos lados.

Nele, está o corpo inerte, pálido e sem vida de Elaray. Seus olhos estão fechados e as mãos cruzadas sobre o peito. Nessa posição, tenho a impressão de que ela está dormindo. Não entendo o motivo de as pessoas colocarem os mortos assim.

- De repente, perco o ar.
- Elaray está repleta de curativos e hematomas, causados pelo acidente. Levo uma das mãos à boca.

Um curativo acima da têmpora direita. Lábio inferior cortado. Um hematoma roxo no maxilar, do lado esquerdo. Não consigo ver o restante do corpo coberto pelas flores, mas sua mãe fala que os braços e as pernas também foram feridos.

- Nunca vi *ninguém* tão machucado quanto ela.
- Não há problema em se permitir sofrer... - Jade diz com a voz ainda fraca, ao notar que estou segurando as lágrimas com toda a força que me resta - em chorar...

Ela apoia a mão no meu ombro.

- Não quero magoá-la - falo, com a voz trêmula.

Solução para o problema

capítulo 4

Já faz quase uma semana que vi o que Elaray Clark, minha falecida melhor amiga, guardava em sua caixa de itens secretos. O estranho é que não consigo tirar da cabeça o que vi. O que li naquele dia, ou seja, o *último objetivo*, fica se repetindo em minha mente.

Sinto que não devo apenas ler aquela meta não cumprida e não fazer nada a respeito do que vi. Mas o que posso fazer? Não faço ideia...

• • • • •

Desço do ônibus e entro na escola. Sinceramente, não me importo com segundas-feiras. Porém, hoje tenho vontade de chorar ao olhar para qualquer coisa, lugar ou pessoa que me lembre de Elaray, por isso caminho de cabeça baixa e sem fixar o olhar em nada. Apenas ando em direção à minha sala.

Tudo parece estranho para mim. Os alunos, mesmo sabendo do acidente, agem normalmente. Há o mesmo barulho alto de conversas e risadas de sempre, misturado com o som dos passos dos adolescentes. Mas, diferentemente dos outros alunos, sinto como se tudo estivesse silencioso, vazio, depressivo e triste de maneira desnorteante.

Pensei que estaria pronta para voltar a estudar, mas eu claramente me enganei.

Arrasto-me até a sala de aula e sento-me em minha carteira: a última, na última fileira, canto esquerdo, ao lado da janela. É praticamente o único lugar da classe em que me sinto confortável.

Emily logo vem me encontrar. Ela mudou bastante desde que tínhamos nove anos - ainda bem! Agora ela virou uma garota superlegal que ama esportes, e, tenho que admitir, ela é muito boa nisso, principalmente na natação, seu esporte favorito. Emily amadureceu bastante; tornou-se compreensiva, doce, mas sem perder o jeito divertido e engraçado dela. Na época, eu não percebia algumas de suas qualidades, como essa, que fez com que eu e ela nos aproximássemos.

Mesmo assim, acho que não chamaria isso de "amizade", mas é *quase isso*. Conversamos na escola, fazemos alguns trabalhos juntas; isto é, quando os professores permitem que escolhamos nossas equipes, mas geralmente não nos falamos fora da sala de aula.

- Oi, Vi! - ela diz animadamente.

Forço um sorriso fraco, quase imperceptível. É o máximo que consigo numa situação dessas.

- Oi, Emi... - falo, com a voz abalada.

Emily imediatamente repara a tristeza em minha voz e pergunta, preocupada:

- Você está bem?

Balanço a cabeça, tentando deixar claro que não quero falar sobre isso.

Nesse momento, Bruno, meu outro "*quase-amigo*", aproxima-se de nós duas e, ao ver minha expressão desamparada e a feição preocupada de Emi, pergunta:

- Podemos ajudar você?

Aperto os lábios, segurando fortemente as lágrimas. Não porque não queira magoar Ely, pois não acredito mais que ela esteja no Céu, mas porque tenho medo de começar a chorar e não parar mais. Emi se ajoelha ao meu lado.

- Violeta, pode contar com a gente, você sabe...

- Vi, não queremos que você fique assim - Bruno aperta levemente meu ombro.

Depois de abrir e fechar a boca algumas vezes, minha voz sai fraca e travada:

- Ely... Elaray...

As lágrimas que tanto lutei para segurar começam a jorrar.

Os semblantes de Bruno e Emily ficam assustados e muito preocupados. Não costumava chorar por causa de Elaray. Na verdade, acho que essa é a primeira vez. Mas não tem como agir normalmente quando uma amizade de cinco anos acaba, certo?

- Ah, Violeta... - diz Emily, baixinho. - Soubemos do acidente...

"Claro que eles sabem", penso. "A escola inteira ficou sabendo."

- Ei, tente se acalmar um pouco, está bem?

Faço o que Bruno diz. Mas, apesar de parar de chorar, isso não diminui a dor.

Cheguei 15 minutos antes de a aula começar, e os dois também costumam chegar mais cedo. Não há ninguém na sala; quer dizer, Juliane chegou, mas deixou sua mochila na carteira e saiu da sala. Isso me tranquiliza um pouco por saber que mais ninguém, além de Emi e Bruno, vai me ver chorar.

Emily passa a mão no meu cabelo, tentando me acalmar. Olho para ela, agradecida, e ela sorri.

Tento falar novamente.

- É difícil... a-agir como sempre... quando ela... não está aqui. D-desculpe...

Cerro os dentes, com a cabeça baixa e o cabelo caindo sobre meu rosto. Falar essas palavras em voz alta deixa tudo muito mais doloroso.

Emily e Bruno se entreolham. O lábio inferior de Emily treme, e ambos estão com os olhos marejados. De repente, ela passa os braços ao redor de mim, abraçando-me.

- Sentimos muito, Violeta... - diz Bruno.

Emily me abraça mais forte, pois não sabe o que dizer. Apesar de ser uma boa amiga agora, Emily não se dá muito bem com as palavras no quesito "se expressar"; por isso, geralmente expressa o que sente com atitudes. Só esse abraço já significa muito para mim.

- Éramos tão amigas. Eu estou tão... vazia, sozinha e insegura... - digo de repente, sem conseguir segurar as lágrimas.

Bruno segura meus ombros delicadamente, enquanto Emily continua me abraçando.

- Não somos como Elaray; nem pretendemos ser - ele diz. - Mas não se preocupe, Violeta. Você não está sozinha.

Em meio à dor, consigo abrir um sorriso fraco. De alguma forma, sinto que o que Bruno disse é verdade.

Paro de chorar e me recomponho o máximo que consigo. Emily e Bruno não saem de perto de mim até ouvirmos o sinal tocar e a professora de Matemática, Dora, entrar na sala.

Mais uma vez, aquele *último objetivo* toma conta de meus pensamentos. E eu, novamente, não sei o que fazer quanto a ele.

• • • • •

- Cheguei! - falo ao entrar em casa.

- Oi, querida! - a voz de minha mãe soa um pouco abafada. - Venha até aqui. Estou na cozinha!

Caminho até a cozinha e vejo minha mãe em frente ao balcão. A voz dela está abafada porque a boca está coberta por uma máscara descartável enquanto ela prepara uma mistura com algumas plantas que pegou no jardim. Ela também usa luvas e um avental.

Eu me aproximo devagar, tomando cuidado para não desconcentrá-la enquanto ela cuidadosamente mistura as ervas. Observo os ingredientes que ela usa e logo identifico a receita: uma solução para dor de cabeça.

- Para quem é isso? - pergunto. - Marco está com enxaqueca de novo?

- Ele veio da faculdade mais cedo por causa disso. Então estou preparando um remédio.

Pego uma máscara, um avental e um par de luvas descartáveis em uma das gavetas do armário e a ajudo a preparar a mistura, que não é tão difícil. Porém, Marco não herdou o dom de mamãe com as plantas, como eu; por isso, nunca conseguiu fazer seu remédio corretamente. Depois que as plantas fervem na água e o remédio fica pronto, pergunto:

- Quer que eu leve para ele?

Minha mãe me entrega a xícara com o líquido ainda quente e abre um sorriso.

- Obrigada, Violeta.

Subo as escadas cuidadosamente para não derramar o chá e bato na porta fechada do quarto de meu irmão.

- Entre - ouço-o dizer do lado de dentro, obviamente com dor.

Meus pais e Marco costumam falar que sou boa em perceber o que as pessoas estão sentindo, e Elaray concordava com isso. Bom, tudo o que faço é prestar atenção nas expressões corporais e no tom de voz da pessoa.

Abro a porta e entro devagar.

O quarto de Marco não é muito decorado. Uma escrivaninha cheia de papéis e seu notebook ao lado da cama, uma pequena estante de livros e um guarda-roupa na parede oposta à da porta. E ele também tem algumas peças de computadores espalhadas na escrivaninha. Meu irmão tem "o dom de desmontar computadores", é como costumamos brincar com ele. Realmente ele é bom com todo tipo de coisa que tenha que ver com tecnologia.

- Oi, maninha - ele fala ao me ver.

- Mãe e eu fizemos um remédio para você.

- Ah, que bom! - ele pega a xícara, mas hesita em beber o líquido.

Solto uma risada.

- Você *ainda* tem medo de remédio? Mesmo sendo feito em casa, por uma biomédica e sua aprendiz, que, por acaso, são sua mãe e irmã?

Ele dá de ombros.

- Se serve de consolo, você toma esse remédio feito água e até hoje não morreu. E a mamãe e eu já até decoramos a fórmula faz tempo.

Marco solta um suspiro.

- Tudo bem. Lá vou eu...

Ele toma o remédio de uma vez e dá de ombros novamente.

- Até que não é tão ruim... - ele faz uma careta.

É meio óbvio que ele odeia esse chá, mas, se quiser controlar suas enxaquecas, vai ter que tomar isso três vezes ao dia.

De repente, o *último objetivo* me vem à mente de novo.

- O que foi, Vi? - pergunta Marco.

Sem olhar para ele, respondo:

- Nada. Por quê?

- Você está encarando o céu pela janela, coisa que você só faz quando está incomodada com algo.

Ele me conhece melhor do que eu mesma.

- Jade me chamou para ir à casa dela - conto, depois de uma pausa.

- E você foi? - ele pergunta, imaginando que eu não teria coragem de ir até lá, o que é uma quase-verdade, já que *quase* desisti no último segundo.

- Sim, mas não entrei no quarto de Elaray. Não tive coragem...

Ele passa o braço por trás de meus ombros.

- E então? O que Jade queria?

- Ela me deu a caixa de "pertences pessoais" da Ely. Mas ela não quis saber o que há na caixa, e insistiu que eu ficasse com ela.

- Ou seja, você é a primeira pessoa a ver o que tem nela.

Confirmo com a cabeça.

- Ok... Mas, por que você está desse jeito? Achei que fosse ficar feliz.

Abaixo a cabeça e fixo o olhar em meus tênis.

- Aquela caixa tem um caderno com os objetivos semanais dela. Estavam todos riscados, cumpridos. Exceto *um*.

Marco se acomoda ao meu lado, na cama.

- Qual era? - pergunta.

Hesito, pensando se devo ou não contar a ele qual é o segredo de minha melhor amiga. Decido não dar muitos detalhes, então digo:

- Prefiro manter segredo, mas posso falar que foi por *minha* causa que ela não conseguiu cumpri-lo. *Totalmente* por *minha* causa.

Meu irmão se assusta um pouco.

- Desde aquele dia - confesso -, esse objetivo fica se repetindo na minha cabeça, e eu não sei o que fazer!

Um instante de silêncio, então Marco começa a rir.

- Qual é a graça?

Ele vai parando de rir aos poucos e diz:

- Primeiro: se o objetivo era de *Elaray*, então a culpa não é totalmente sua, porque ela se dispôs a cumpri-lo. Ok, talvez você fosse fundamental para ela conseguir fazer isso, mas ela o colocou na lista provavelmente porque sabia que conseguiria cumprir esse objetivo em algum momento.

É... Talvez Marco tenha razão...

- Segundo - ele continua -, a solução para isso tudo é tão *simples* e você não consegue enxergar. Sem ofensas, Violeta, mas é meio impossível não rir disso. Quer dizer, tenho certeza de que não é algo do tipo: "*Ir para a Rússia com Violeta*" ou algo assim, é?

- Não - dou risada. - E qual seria essa tal "solução"? - pergunto, desconfiada.

Marco abre um pequeno sorriso. Quase consigo ouvir ele me chamando de "ingênua" em seus pensamentos. Após alguns segundos de suspense, ele fala:

- Tente cumpri-lo.

Engasgo. Será que ele está falando sério?! É basicamente impossível!

- Não! - digo - Não posso fazer isso!

- Por quê? - ele rebate.

- Eu... não vou conseguir...

- Esse é o seu jeito de dizer que está com *medo* de tentar? Estou achando que sim.

Levanto-me e fico de frente para ele, um pouco brava.

- Eu não faço *ideia* do que vou encontrar se for tentar cumpri-lo! E se eu me sentir incomodada ao tentar? E se eu descobrir algo que destruiria minha amizade com *Elaray*? E se eu passar a odiá-la? - meu irmão conta cada preocupação que expresso nos dedos da mão. - *Sim*, eu tenho medo, Marco!

Ele me encara profundamente com seus olhos azuis-escuros, iguais aos meus. Finalmente, diz:

- E se você se sentir muito *bem* ao tentar? E se você descobrir algo sobre *Elaray* que teria *melhorado* a amizade de vocês? Você é muito pessimista, Violeta. Baseia suas decisões apenas nos "*E se?*" negativos e se esquece completamente dos "*E se?*" positivos. E você nunca sai da sua zona de conforto. Precisa

aprender a arriscar, mas sem exagerar. Se quiser um conselho de irmão mais velho e mais experiente, arrisque agora. Se não quiser fazer por você, faça por *Elaray*.

Respiro fundo. Ele me encurralou. Não vou conseguir escapar dessa nem se tentasse. Ele me convenceu.

Por *Elaray*, penso.

- *Tudo bem! Vou tentar* - digo e passo a encará-lo. - Satisfeito?

Marco suaviza sua até então séria expressão e um sorriso se forma em seus lábios.

- Sim. Mas, agora, me deixe descansar. Minha cabeça está como as badaladas de um grande e pesado sino de tanto que lateja.

Solto uma fraca risada, pegando a xícara vazia. Fecho a porta para Marco descansar tranquilamente, deixo a xícara na cozinha e subo as escadas novamente, em direção ao meu quarto.

A igreja

capítulo 5

Visto jeans pretos, camiseta branca e minha blusa favorita: a azul marinho. Calço meus tênis e penteio o cabelo, deixando-o solto. Passo um brilho labial e pego uma bolsa.

Estou pronta para ir à igreja; para tentar cumprir o último objetivo, mas duvido que eu tenha coragem suficiente. Mesmo assim, desço as escadas e vou para a sala de estar, onde Marco está me esperando. Ele tirou sua carteira de motorista faz quase dois meses, então papai o deixa usar o carro da mãe quando ela não o está usando. Na maioria das vezes, meu pai leva minha mãe para o trabalho, como hoje, geralmente para que Marco possa usar o carro, desde que tenha uma justificativa plausível, como ir à faculdade ou me levar para algum lugar, como é o caso.

- Vamos? - ele diz, bocejando.

Entramos no carro, e ele me leva até a igreja que Elaray frequentava.

Quando decidi ir à igreja, não sabia o endereço; e também não perguntei à família de Ely porque quero fazer uma "surpresa". Por isso, fui até a caixa de Elaray para ver se ela guardava algo que me ajudasse a encontrar o lugar. Felizmente, Ely guardava um pequeno pedaço de papel com o endereço do local (sabe-se lá o porquê).

Entrego o papel para Marco e ele o lê com atenção antes de digitar o endereço no aplicativo do seu celular.

Ao chegarmos ao local, vejo que a igreja é grande. Em letras pretas, consigo ler *Igreja Adventista do Sétimo Dia*. As paredes externas são brancas, e a construção tem várias janelas altas,

de vidro, enfileiradas nas laterais. Há uma bela e decorada grade de ferro do lado de fora; do lado de dentro, ao lado da igreja, um jardim com flores à direita e, à esquerda, um pátio com salas, algumas com a porta aberta e pessoas dentro, outras com a porta fechada.

No papel de Ely também estava escrito o horário que a programação começava: 8h. Confesso que deu muito trabalho convencer Marco a acordar cedo num sábado, mas consegui falando que foi ele quem me convenceu a tentar cumprir o último objetivo; e ir à igreja é um bom começo. (Bem, é o que eu penso!)

Chegamos um pouco mais cedo para eu conseguir dar um "oi" à Jade e sua família antes de a programação começar.

Desço do carro e despeço-me do meu irmão, enquanto ele segue em direção à casa de um amigo.

Ao entrar, uma moça alta e loira, com um lindo vestido rosa, aproxima-se de mim e, para minha surpresa, cumprimenta-me com um enorme sorriso.

- Feliz sábado! Seja bem-vinda! - ela diz, irradiando alegria.

- Obrigada... - falo baixinho, tímida.

- Como você se chama?

- Violeta - digo.

Outra coisa que aprendi com Elaray é que não preciso ter medo das pessoas. Por isso, hesito um pouco menos em responder quando alguém pergunta meu nome.

- Muito prazer, Violeta! Meu nome é Samantha, mas todos me chamam de Sam. E... - ela faz uma pausa, como se estivesse ponderando se deveria falar o que estava pensando ou não. Ela opta por falar: - Você é a amiga da Elaray?

Uma dor atinge meu peito, e sinto vontade de chorar, mas reúno forças para impedir que as lágrimas escapem.

- Sim...

É a única coisa que consigo pensar em responder sem desmoronar. Antes que Sam tenha tempo de dizer algo, ouço uma voz bem familiar:

- Violeta?!

A voz de Jade parece emanar surpresa e incredulidade ao mesmo tempo em que há rastros de tristeza. Entendo isso.

Nem eu mesma consigo absorver direito a ideia de que estou na igreja. É inacreditável que eu esteja aqui.

Com um pai que sempre me deu uma educação que se baseava em não acreditar em Deus e não me envolver com religião, e uma mãe que concordava com isso, não tem muito sentido eu ir a uma igreja, tem?

Jade obviamente esteve chorando muito. Percebo por causa dos olhos inchados e do semblante entristecido, e eu não a culpo. Se eu, que era apenas amiga de Elaray, tenho vontade de chorar sempre que ouço o nome dela, não consigo imaginar o que Jade, que era a mãe, sente toda vez que acorda sabendo que sua tão amada filha se foi - se é que consegue dormir direito. O que me impressiona é que, mesmo assim, Jade consegue reunir forças para abrir um sorriso e caminhar com passos firmes. Gostaria de ter esse tipo de força, mas não tenho.

- Jade, oi! - cumprimento-a, mal notando que Sam se afasta devagar, para não nos atrapalhar. - Tudo bem com você?

Ela suspira e ajeita o vestido com rendas.

- Estou bem melhor agora que você chegou - ela diz, ao olhar para mim novamente. - E você?

- Melhor só com Ely aqui, eu acho. Resolvi fazer uma... visitinha.

Ela me encara, como que se perguntando se ouviu direito o que eu disse. Quando ela percebe que estou falando sério, abre um sorriso e se anima um pouco mais.

- Deus seja louvado! - ela exclama. - Elaray ia ficar tão feliz!

Sorriso. "*la mesmo*", penso. "*Você nem imagina o quanto isso iria significar para ela.*"

Conversamos um pouco, até que Jade diz:

- Vi, aqui temos a Escola Sabatina - ela explica animadamente -, que é um momento em que vamos para diferentes salas estudar a Bíblia e um livro que chamamos de Lição da Escola Sabatina. As salas são separadas por faixa etária, e os adultos ficam na parte principal da igreja, por sermos em maior número. Logo depois, vem o culto.

Balanço a cabeça, demonstrando que entendi. Parece ser um método legal e dinâmico. Elaray já tinha me falado da Escola Sabatina antes, então sei mais ou menos como funciona.

- Você tem 13 anos, certo? Ou já fez 14?

- Tenho 13.

- Treze... - ela repete. - Ah, você vai ficar na sala dos *Adolescentes*, ok? Eu levo você até lá.

- Tudo bem.

Jade me guia, atravessando o pátio da igreja até alcançar uma das portas entreabertas. São seis no total, e cada uma tem algo escrito em uma plaquinha decorada. Leio cada uma delas: *Rol do Berço, Jardim, Primários, Juvenis, Adolescentes* e *Jovens*. Devem ser as salas divididas por faixa etária. Jade abre a porta da sala com a placa "*Adolescentes*" e entra, levando-me consigo.

- Ed - ela chama -, trouxe um "presente" para você!

O homem a quem Jade se refere levanta os olhos do fino livro que estava lendo e os pouso sobre ela. Ele está sentado em uma carteira de braço meia-lua, com o livro sobre ela, ao lado de uma grossa Bíblia de capa preta. Ele é alto, loiro e, apesar da aparência relativamente séria, tem um jeito descontraído e até divertido no olhar, o que me tranquiliza um pouco. Achei engraçado o jeito dele de sorrir quase que imperceptivelmente, mesmo parecendo sério.

As paredes da sala são de um tom de amarelo bem claro, e há estantes com diversos livros e algumas Bíblias. No centro, várias carteiras de braço meia-lua formam um semicírculo. Dez pessoas estão sentadas, conversando baixinho.

Sinto um incômodo e penso comigo mesma: "*O que você está fazendo?! Este não é o seu lugar! Volte para casa, volte para suas atividades normais; este lugar é para pessoas como Elaray, não como você!*" Mas, em seguida, meus pensamentos mudam: "*Tente. Siga o conselho de seu irmão. Ele sabe o que diz. Você pode encontrar seu lugar com essas pessoas. Tente cumprir o último objetivo!*"

Acabo escolhendo ficar. Tendo em mente os "*E se?*" positivos de que Marco me falou, acalmo-me e minhas preocupações se dissipam pouco a pouco.

Jade me olha, sorri e sai da sala.

- Bem-vinda! - diz o homem, com uma voz vibrante e animada.

- Meu nome é Edgar, mas você pode me chamar de Ed se quiser. Qual é o seu?

- Violeta - respondo, notando que todos os que estão na sala param de conversar e olham para mim. - Muito prazer, Edgar.

Ele sorri alegremente, conduzindo-me para uma carteira.

- O prazer é todo meu, Violeta! Agora, vamos às apresentações da classe - ele olha para os outros, que devem ter mais ou menos a minha idade. - Quem quer começar?

Uma garota, vestida de amarelo, levanta a mão. Ela tem pele clara, algumas sardas nas bochechas levemente coradas, olhos verdes como esmeraldas e longos e ondulados cabelos vermelhos como fogo. "Vermelhos como fogo"... Já usei essa descrição antes. Será que é ela...?

- Meu nome é Ana Gabriela, mas todos me chamam de Ana Gabi, ou A.G. Muito prazer.

Ela tem um jeito extrovertido de falar e agir. Parece ser legal.

- Sou Max - diz um garoto alto, de olhos castanhos, pele morena e cabelos encaracolados e loiros. Parece que ele é um dos dois garotos da fotografia que havia na caixa de Ely.

Todos se apresentam: uma garota de cabelos negros se chama Kátia; Vanessa é a morena; o garoto de pele clara e cabelos negros é o Pedro; Eduardo tem pele e cabelos escuros; Lucas e Lauree têm cabelos castanhos e ondulados (são gêmeos).

Por último, um garoto de bagunçados cabelos castanhos, levemente "familiares" (se é que posso usar esse termo para me referir a uma foto que vi pouco tempo atrás), que ficou o tempo todo com a cabeça abaixada, diz, timidamente:

- Eu me chamo Theo...

Ao ver seu rosto inteiro, fico surpresa: Theo tem um olho de cada cor (isso se chama heterocromia, como li uma vez em algum lugar). A íris esquerda é verde, e a direita é mel. A combinação de cores, misturada com seu jeito tímido e alegre ao mesmo tempo, fica bem nele, acho.

Sorrio para todos e digo:

- Muito prazer! Eu me chamo Violeta.

Sento-me em uma das carteiras, ficando entre Ana Gabriela e Lucas. Rapidamente noto que Ana Gabi, Max e Theo são amigos, pois conversam entre si em voz baixa, mas param quando Ed começa a falar.

Todos olham discretamente para mim, de vez em quando. Será que eles sabem, assim como Samantha, que eu era amiga de Elaray? Será que ela contou a eles? Provavelmente, sim.

Ed é o professor da classe dos *Adolescentes*. Ele faz uma oração pedindo que Deus esteja presente durante a Escola Sabatina e que capacite nossa mente para entender o que Ele quer nos dizer.

- Muito bem - diz -, que tal conversarmos sobre como foi nossa semana? Algum voluntário para começar?

- Todo desbravador é voluntário - ouço Ana Gabi murmurar enquanto levanta a mão, seguida por Theo, Max e todos os outros, exceto Lauree e Pedro.

Entendo o que Ana Gabriela quis dizer com a frase que falou. Ela estava se referindo ao Clube de Desbravadores.

O Clube de Desbravadores é um grupo de adolescentes de 10 a 15 anos (tirando os instrutores e diretores, que são mais velhos), que se reúne uma vez por semana para realizar várias atividades. Eles podem ser adventistas ou não e fazem muitos trabalhos que têm que ver com o físico, a mente e coisas espirituais. Podem ser confundidos com os escoteiros, porque também acampam, aprendem nós e amarras, e técnicas de sobrevivência na mata e esse tipo de coisa, mas são bem diferentes deles.

Elaray fazia parte do Clube de Desbravadores e sempre comentava sobre as atividades que faziam. Lembro-me de que ela sempre me convidava, mas eu recusava da maneira mais educada que conseguia. Apesar de amar a natureza, não sei se me encaixo com os desbravadores...

Sempre que um instrutor pede um voluntário, os desbravadores falam a frase: "*Todo desbravador é voluntário*", mas não é necessário dizer isso fora das reuniões. Talvez Ana Gabriela tenha adquirido o hábito de fazer isso.

- Tudo bem, Ana. Como foi sua semana? - diz Edgar.

Cada um conta um pouco sobre como foi sua semana, o que fizeram de bom, ruim ou algo que acharam interessante. É como uma conversa entre amigos, em que todo mundo ri junto, comemora as coisas boas que aconteceram, reflete sobre o que deu errado e brinca um com o outro.

Todo mundo na sala tem uma história para contar. Ana completou a especialidade de Código Morse do Clube de Desbravadores, Kátia aprendeu a fazer bolo de fubá, Vanessa conseguiu entender a matéria de Geografia, Eduardo ficou de castigo por ter perdido média na prova de Português, Max assistiu a um filme legal... e por aí vai. É como se todos se conhecessem desde sempre, porque cada um compartilha um pedacinho de si com o grupo.

Engraçado! Acabei de chegar e já me sinto parte da turma, de alguma forma.

Porém, quando Edgar me pergunta como foi minha semana, eu congelo. Tento não lembrar nada do que aconteceu nos últimos dias, para não chorar e estragar o clima.

- Prefiro não falar - digo, juntando as mãos e apertando-as para controlar as emoções.

Seu sorriso desaparece e uma expressão de culpa surge em seu rosto.

- Por favor, me desculpe, Violeta. Eu...

Balanço a cabeça.

- Sem problemas - tento forçar um sorriso minúsculo.

Edgar pigarreia antes de continuar:

- Ana, você pode recapitular a lição, por favor?

• • • • •

Ela se levanta e começa a contar a história de quando Davi, um rapaz israelita, derrotou Golias, um gigante filisteu. Não conhecia direito essa história, e fico impressionada com o jeito de Ana Gabriela narrar a situação. Ela fala com tanta certeza na voz, com entusiasmo e alegria; fala de maneira que consigo imaginar a cena, como se eu estivesse lá, naquele exato momento em que tudo aconteceu. Quando ela acaba, Edgar tira uma rápida conclusão da história e diz:

- Muito bem, pessoal. Agora vamos para a lição que vocês vão começar a estudar hoje. Alguém conhece a história de quando o Senhor concedeu um pedido ao rei Salomão?

Hesito antes de levantar a mão. Elaray já me contou essa história uma vez, e, particularmente, gosto dela.

Os olhos de Edgar passam sobre os vários adolescentes com as mãos levantadas e pousam sobre mim. Sinto um calafrio percorrer minha espinha.

- Violeta - ele chama -, poderia contar para nós?

Sinto os olhares de todos direcionados para mim. Engulo em seco e me levanto devagar. "Por que fui levantar a mão?"

- Salomão era filho de Davi - começo timidamente. Sinto minhas mãos suarem. - Ele era jovem quando se tornou rei, e era inexperiente no quesito "liderar uma nação".

Ouç algumas risadas fracas ecoarem pela sala, incluindo a de Edgar. Sorrio um pouco e continuo:

- Ele era correto aos olhos de Deus e O agradava muito. Certo dia, o Senhor disse que ele poderia pedir qualquer coisa, que Deus daria a ele. Salomão sabia de sua inexperiência no cargo de rei e queria governar de maneira sábia e de acordo com os caminhos do Senhor. Queria que seu reinado O agradasse. Por isso pediu sabedoria em vez de pedir outras coisas. Deus ficou feliz com o pedido do novo rei e lhe deu não só sabedoria, mas também outros presentes, como honra e riquezas. Ele disse que, se Salomão não se desviasse dos caminhos Dele, teria uma vida longa.

Termino a história dizendo:

- Foi assim que Salomão se tornou o homem mais sábio do mundo; e foi muito rico e digno de honra também.

Sento-me novamente, quase não acreditando que consegui me lembrar da história toda, pois já faz uns dois anos que a ouvi pela primeira vez.

- Obrigado, Violeta - diz Ed. - Theo, poderia explicar para nós o que você entendeu da história que nossa nova amiga nos contou?

O garoto se levanta calmamente, mas permanece com a cabeça um pouco para baixo.

- Salomão queria fazer o bem para o povo e, principalmente, agradar ao Senhor, mas temia errar ao tomar decisões que envolviam... - ele sorri - o quesito "liderar a nação".

Ed olha para mim e sorri, enquanto os outros novamente riem baixinho, para não atrapalhar a fala de Theo.

- Foi por isso que ele pediu sabedoria - ele continua - em vez de coisas como honra, riquezas ou outros. Deus conhecia suas intenções e Se agradou com o pedido simples, mas sincero e de coração, que Salomão fez, e deu-lhe sabedoria.

Ele faz uma pausa antes de voltar a falar:

- Com isso, concluí que podemos pedir sabedoria a Deus, e Ele dará. Não precisamos esperar Ele dizer que podemos pedir o que quisermos, pois há partes na Bíblia que dizem que, se pedirmos sabedoria, o Senhor nos dará. Podemos pedir qualquer coisa a Ele. E também entendi que, se andarmos nos caminhos de Deus, seremos abençoados de várias formas. Talvez não como Salomão foi, mas de maneiras diferentes, de acordo com cada um de nós.

Theo fala de um jeito calmo e tímido, o que acaba sendo até "fofo", mas com a cabeça sempre abaixada, mesmo que só um pouco. Meu palpite é que ele tem vergonha de algo; mas do quê?

Será que ele tem vergonha de ter heterocromia? Parece que não... Mas é como se ele sentisse que deixa as pessoas desconfortáveis com as cores diferentes de seus olhos. Mas por quê? Acho legal ele ser assim, e, pelo que parece, os outros também.

Acho que ele *pensa* que deixa as pessoas incomodadas com sua diferença, mas isso não acontece. Todos na sala o tratam normalmente.

Edgar faz comentários sobre a história e até pergunta o que pediríamos se estivéssemos no lugar de Salomão. Quando chega a minha vez, penso um pouco antes de responder:

- Acho que eu pediria para... - hesito por um instante - trazer uma pessoa de volta à vida...

Um estranho silêncio paira na sala dos *Adolescentes*. Sei que eles conheceram Elaray, mas não sei se tenho coragem de falar o nome dela em voz alta, pois isso ainda continua tornando tudo muito mais real e doloroso. Sinto as lágrimas começando a encher meus olhos, mas não vou deixá-las saírem.

- Violeta... - diz Edgar, e olho para ele - não sei se o que vou dizer vai soar curioso demais, insensível ou indelicado por causa das circunstâncias atuais, mas será que essa pessoa a quem você se referiu é *Elaray Clark*?

Edgar diz o que eu estava com medo de dizer. Antes que eu possa fazer algo como concordar com a cabeça, ouço a voz de Pedro:

- É, Ed... Isso soou um pouco curioso e acho que um pouco insensível também. E talvez indelicado...

Segurando as lágrimas e não ligando para o que Pedro disse, decido responder à pergunta feita por Edgar. Não me importo se ela foi inconveniente ou não, quero respondê-la.

- Sim... Eu me referi a ela mesma. Mas, como você sabia que eu a conhecia?

- Bem, ela sempre falava de você - ele diz. - Contava como você é perceptiva e sempre a elogiava dizendo que era você quem Deus tinha separado para ser a amiga tão sonhada por ela.

- Ed sempre falava para ela convidar você para vir aqui - diz Max, olhando para o professor, que abre um fino sorriso torto.

- "*Um dia ela vem, pois não vou desistir!*" era o que ela sempre dizia. Toda vez - fala Ana Gabriela.

- Ely nunca desistiu de você - completa Theo.

- Ela era muito teimosa às vezes; acho que você já sabe disso - diz Lauree.

Olho ao redor e vejo todos emocionados. Eles realmente gostavam de Elaray.

- Acho que só me dei conta do quanto ela gostaria que eu viesse e aprendesse sobre Jesus quando já era tarde demais - digo.

- Nunca é tarde demais para conhecer Jesus, Violeta - diz Vanessa, sorrindo, apesar da tristeza pela morte de Elaray estar evidente em seu olhar.

- Pelo menos nisso a Vane tem razão, Violeta - Lucas sorri para a garota, e sua voz é em tom brincalhão, quebrando um pouco o clima tenso e triste da sala. - Pode confiar nela.

A classe toda ri descontraidamente, incluindo Vanessa. Quando paramos, Edgar diz:

- Vamos orar? Faltam cinco minutos para o fim da Escola Sabatina.

Todos nos levantamos e o professor ora agradecendo pela Escola Sabatina, pelo sábado, e pedindo que Deus cuide de nós, de nossas famílias, amigos e dos que não estão presentes na igreja

neste dia sagrado, e pede também que Deus console todos os que estão sofrendo com a perda de Elaray. Então, caminhamos para a igreja, e entramos ao som de um hino, que, infelizmente, não sei o nome.

Do lado de dentro, a igreja é ainda mais bonita. Tem quatro fileiras longas de compridos bancos de madeira escura. Na frente, há um belo púlpito de vidro com o símbolo da Igreja Adventista do Sétimo Dia estampado e, atrás dele, cinco cadeiras, também de madeira, estofadas de um tom perolado, uma ao lado da outra.

Encontro Jade e André sentados no terceiro banco da fileira do canto esquerdo. Sento-me ao lado dela e, quando Ester chega com a expressão triste, anima-se um pouco ao me ver e fica o tempo todo ao meu lado, abraçando-me com um fino sorriso. André também se alegra quando me junto a eles.

Antes de o sermão começar, ouvimos alguns recados, cantamos algumas músicas - uma delas eu conheço por causa de Ely, que costumava cantá-la. Também vemos um vídeo de um testemunho de uma moça do Uruguai e dois homens passam pequenos cestinhos - que eles chamam de "salvas" - pelos corredores entre as fileiras de bancos. Algumas pessoas colocam dinheiro neles, outras, um pequeno envelope; as crianças colocam moedas ou notas com um valor menor que os adultos. Tudo isso ao som de uma bonita música que fala de gratidão a Deus por tudo o que Ele faz por nós.

Jade me explica que o dinheiro colocado nas salvas em envelopes é chamado de "dízimo", uma espécie de compromisso que as pessoas fazem com Deus para devolver a Ele uma porcentagem do que ganham. Já as moedas e as notas que são depositadas soltas são as ofertas, que são quantias em agradecimento ao Senhor pelas bênçãos que Ele nos dá.

Depois, uma porta na lateral da parede atrás do púlpito se abre e, ao som de uma música calma, cinco pessoas entram e se sentam nas cadeiras da frente.

O Pr. George, em seu sermão, fala sobre a história de José do Egito. É uma história que eu não conhecia, mas acabo gostando dela. Acho interessante o fato de que ele usa fatos *reais* para

comprovar a veracidade da história, o que prende totalmente minha atenção. Nunca tinha procurado saber se as histórias narradas na Bíblia eram reais ou não.

Após o culto, percebo que gostei muito do que vivenciei hoje. As pessoas são acolhedoras e transmitem uma alegria e uma paz que eu nunca tinha visto antes. Correção: que tinha visto apenas na família de Elaray, os únicos adventistas que conhecia antes de visitar a igreja.

- E então, Vi, o que achou? - pergunta André.

Penso um pouco em quais palavras usar para expressar o que sinto. Por fim, respondo, sorrindo:

- É como se eu estivesse em casa! Nunca pensei que me sentiria tão confortável entre pessoas que não conheço.

Ester bate palmas e me abraça fortemente com carinho.

- Quero você aqui semana que vem! - ela diz, com um lindo sorriso.

Ao chegar em casa, vou direto para o jardim dos fundos e encontro minha mãe abaixada, colhendo hortelã no canteiro. Abaixo-me ao seu lado e observo suas ágeis e delicadas mãos, cobertas por luvas descartáveis.

- Como foi? - ela pergunta, pois ontem contei a ela que ia à igreja.

Solto um suspiro.

- Não entendo por que adiei este dia por três anos...

Minha mãe abre um sorriso.

- Fico feliz que tenha gostado, querida.

com as mãos em um balcão de pedra. Theo percebe e dá a volta rapidamente para chegar até mim.

- Você está bem? - sua voz é fraca, triste e agora preocupada comigo.

Estou completamente incapaz de fazer qualquer movimento, por menor que seja, pois sei que, se o fizer, vou cair. Mas, para minha surpresa, Theo me segura delicadamente.

- Desculpe... - ele diz, num tom baixo. - Eu queria que soubesse das últimas palavras dela, mas não imaginava que você ficaria assim. Eu não deveria ter dito isso... Me desculpe.

Apesar de estar fisicamente fraca e emocionalmente despedaçada, a única coisa que consigo pensar em dizer em meio às lágrimas é:

- Pare de se culpar, Theo.

Ele se assusta, mas não se afasta. Abraço-o, pois sei que ele também precisa de apoio. Nunca pensei que faria o que faço neste momento: abraçar alguém que mal conheço. Nós dois estamos com um vazio por dentro. Ambos estamos com o coração partido, assim como Jade, André, Ester e outros que sofrem com a morte de Ely. Nessas horas, precisamos de um ombro para chorar, alguém para nos manter em pé. É o que faço agora, e Theo também.

- Você se preocupa muito com os outros e em não magoá-los. Não precisa ser assim. O que você contou me ajuda a entender até onde Ely estava disposta a ir para tentar me apresentar Jesus. E você está pedindo desculpas por me ajudar somente porque eu quase caí.

Demoro um tempo para falar isso tudo, por causa das emoções dentro de mim. Quando termino, afasto-me devagar até ter certeza de que sou capaz de ficar em pé sozinha.

- Você não precisa se desculpar por causa de nada, Theo.

Ele se assusta um pouco com minhas palavras, mas acaba dando um pequeno sorriso amarelo.

- É que, às vezes, não sei o que fazer ao ver as pessoas preocupadas comigo ou tristes por qualquer motivo. Então me esforço para fazê-las felizes. Acho que, de vez em quando, acabo me esforçando demais, não é?

Após alguns segundos em silêncio, falo:

- Acho que sim. E você não deveria ter vergonha das cores de seus olhos só porque são diferentes. Seus amigos acham legal isso que você tem, mas você está preocupado demais em não preocupá-los com sua diferença. Não deveria esconder seus olhos.

- É... Você realmente é superperceptiva, Violeta - ele amplia um pouco o sorriso. - Ah, e obrigado pelo remédio.

- Por nada.

Ele me conta que, desde o acidente, tem tido dores de cabeça muito fortes e frequentes, e que ele mal consegue se mover por causa da dor desnordeante.

- Você já consultou algum médico pra falar disso? - pergunto.

- Ainda não... Quer dizer, depois do acidente eu passei uns dias no hospital, mas achei que isso ia passar com o tempo.

Ele coça a nuca, e eu penso um pouco.

- É melhor você ir a algum médico, Theo, ou essa dor vai causar problemas maiores pra você depois - falo, pegando um papel e caneta na bolsa. - Minha mãe talvez possa ajudar você com isso. Posso ver o que ela pode fazer por você, se quiser.

Ambos sorrimos um pouco.

- Seria legal, Violeta. Isso me ajudaria bastante - ele ergue as sobancelhas.

Começo a escrever no papel.

- Vou escrever aqui o telefone da minha mãe. Você pode ligar pra ela depois. Eu também vou escrever algumas dicas que podem ajudar você com essas dores.

- Dicas?

- Nada muito complicado. São coisas que meu irmão faz no dia a dia para diminuir a enxaqueca, sabe? Beber muita água, evitar estresse, esse tipo de coisa.

- Uau! Você é praticamente uma médica - ele ri.

Dou de ombros.

"Um dia ainda ganho esse diploma", penso, sorrindo comigo mesma.

Tranco a cozinha e voltamos para assistir ao restante do culto; eu, Theo e Jade com sua família.

Fico agradecida quando eles não me perguntam sobre as marcas de choro em meu rosto ou sobre minhas mãos trêmulas.

Projeto Sunlight

capítulo 8

Senti mãos cobrindo meus olhos por trás e ouvi uma risada familiar. Lembro-me de que sorri e até ri um pouco, mas uma risada fraca, rápida e seca. Naquela época - não faz tanto tempo assim, na realidade - eu não tinha muito senso de humor, e via poucos motivos para rir.

- Oi, Ely - disse, virando-me para ela.

- Oi, Vi! - ela falou animadamente.

Já tinha se passado quase um ano e meio desde que nos conhecemos no carvalho do parque, e eu já a considerava minha amiga de verdade fazia aproximadamente dez meses. Eu demorava bastante para considerar alguém um amigo, e... bem, ainda demoro um pouco. Tinha medo das pessoas e demorava para me apegar a alguém. Mas Elaray aceitava essa minha característica com a alegria de sempre. E agora sei o motivo de seu sorriso em situações em que a maioria desistiria de mim.

Estávamos na escola, antes de a aula começar, em frente à escada próxima à cantina. Lá era nosso "ponto de encontro".

- Como foi? - perguntei.

No fim de semana anterior, Ely tinha ido a um congresso para garotas da Igreja Adventista de uma cidade próxima. Mesmo tendo recusado seu convite para acompanhá-la, estava curiosa sobre a programação, já que nunca tinha participado de um congresso para garotas da nossa idade.

O olhar dela se iluminou ao mesmo tempo em que abria um sorriso.

- Maravilhoso! - exclamou.

Ely me contou tudo o que aconteceu lá, e eu ouvi atentamente. Palestras, dinâmicas, quem ela conheceu, a comida, o hotel onde ficaram... Tudo.

- Posso perguntar uma coisa? - falei, sentada na escada, quando ela terminou.

Elaray confirmou com a cabeça.

- Por que você é cristã?

Ela me encarou, como se a resposta fosse óbvia, mas eu não conseguisse enxergá-la. Encarei-a sem entender.

- Sou assim porque escolhi seguir a Deus e obedecer aos Mandamentos que Ele deixou pra gente na Terra. Porque eu O amo acima de qualquer coisa e quero ir para o Céu viver com Ele quando Jesus voltar. E porque, principalmente, aceito Jesus como meu único Salvador e Redentor e acredito que Seus ensinamentos são verdadeiros. Ele me ama tanto que morreu por mim, e penso que sou completamente incapaz de não amar Alguém que Se entregou para que eu tenha a chance de viver com Ele, num lugar em que o pecado, a morte e a dor não existem.

Ela falava com a voz clara, confiante e não desviou o olhar por um segundo sequer. Ela seguia a Deus e não tinha vergonha disso. Ela O amava, pois Ele sofreu coisas inimagináveis para que todos os que acreditassem e aceitassem Seu sacrifício pudessem ter uma segunda chance.

Daquele dia em diante, passei a admirá-la ainda mais.



Fecho a apostila de Geografia e suspiro. "Finalmente acabei essas atividades", penso. Encaro os cadernos, sem saber o que fazer agora que tenho tempo livre. Decido dar uma olhada nas plantas do jardim dos fundos.

Subo as escadas e deixo a mochila no canto da parede do quarto. Meu celular toca no bolso da calça: ligação de Jade. Deslizo o dedo pela tela.

- Oi, Jade!

- Oi, Violeta! Tudo bem?

- Tudo, e com você? - apesar de dizer que sim, o tom de minha voz é um pouco triste.

- Pode-se dizer que sim. Mas isso não vem ao caso. Pode vir aqui um segundo, querida? Quer dizer, se não estiver fazendo nada importante.

- Vou só checar as plantas aqui em casa e já passo aí. Chego em mais ou menos 20 minutos.

Depois de arrancar algumas ervas daninhas em meio às hortênsias e tulipas, caminho até a casa de Jade, que fica a três quadras de distância da minha. Toco o interfone, e a voz da pequena Ester responde:

- Quem é?

- A Vi!

Ouço o clique do portão eletrônico se abrindo e entro. Ester me encontra assim que coloco os pés na sala de estar e me abraça.

- Oi, lindinha! - aperto levemente sua bochecha. - Sua mãe está?

- Ela está no quarto de Ely, e disse que era pra você ir lá.

Estremeço e sinto-me um pouco tonta, pois não sei se tenho coragem de entrar no quarto de Elaray. Sei que tenho que superar isso, mas não sei se consigo.

Olho para Ester. "Talvez eu não precise fazer isso sozinha", penso.

- Vai comigo? - pergunto.

Ela abre um sorriso angelical e pega minha mão quando a estendo.

- Vou! - ela diz.

Ester gosta bastante de mim e, apesar de pequena, a garotinha está sempre me apoiando. É muito parecida com a irmã.

Caminhamos até o quarto, e paro um instante em frente à porta, pensando se devo ou não entrar. Antes que eu consiga decidir, Ester solta uma pequena risadinha e me puxa para o cômodo, o que é um alívio para mim, já que não sou eu quem toma a iniciativa.

O quarto é grande, mas não tanto. Uma das paredes é pintada de verde-primavera - a cor favorita de Ely - enquanto as outras são brancas. Na parede verde, há uma escrivaninha de madeira escura. Acima dela, um pouco para o lado, há três

nichos brancos quadrados com vários livros. Encostada em outra parede, a cama de Ely está perfeitamente arrumada, com um criado-mudo ao lado. No outro canto do quarto, vejo o suporte para partituras com uma pasta para portfólio fechada, a capa do violino - que está na sala -, um violão em seu suporte e um banquinho estofado com tecido preto. Era onde ela se sentava para tocar. Há também um mural com várias fotos, algumas de Ely comigo, outras dela com a família ou com Ana Gabi, Max, Theo e os membros da igreja ou do Clube de Desbravadores.

Vejo Jade mexendo nos livros.

- Oi - falo, embora minha voz tenha soado fraca.

Jade deixa os livros que tinha tirado dos nichos em cima da escrivaninha.

- Oi - ela diz. - Venha cá, Vi.

Eu me aproximo dela devagar. Não me sinto muito confortável com muitas lembranças invadindo minha mente de uma só vez. Mas nem Jade nem Ester parecem se incomodar com minha hesitação.

Jade desliza os finos dedos pelos livros nos nichos. Ely estava sempre lendo (ou relendo) algum deles. Alguns dos livros realmente chamam minha atenção: *Projeto Sunlight*, *Só Para Jovens*, *O Desejado de Todas as Nações*, *O Grande Conflito*, *A Verdade Sobre os Anjos...* Mas hesito em pedi-los emprestados, pois sei que são livros cristãos. Sei que Jade - ou Ely, se estivesse viva - me emprestaria qualquer um se eu pedisse, mas esse pequeno problema me faz repensar. E há também um "E se?" negativo que é bem persistente: E se eu encontrar um Deus de que eu não goste nesses livros?

Esse "E se?" tem uma origem: uma vez, fui à igreja de uma tia, e, particularmente, não gostei do que ouvi lá. O pastor pregava praticamente estourando a garganta de tanto gritar, o que fazia com que meus ouvidos doessem. Ele dizia que, se a pessoa doasse uma quantia alta de dinheiro, Deus faria um milagre em sua vida. Mesmo não conhecendo muito sobre Deus, sabia que milagres não podem ser comprados com dinheiro ou com qualquer outra coisa; é como comprar um dom divino, o que não é correto, em minha opinião.

Aquele pastor também dizia que quem não aceitasse Deus iria queimar em um inferno de fogo e enxofre por toda a eternidade, sendo vigiado por terríveis demônios durante esse tempo sem fim. Isso me assustou bastante, mas pareceu que as pessoas não se assustaram como eu, e creram naquilo que foi dito. Será que Deus não seria cruel ao mandar Suas criaturas para uma vida eterna cheia de sofrimento e dor?

Os dois sermões que ouvi na Igreja Adventista e as histórias que Elaray me contou me vêm à mente neste momento. O Deus que eles apresentam é totalmente diferente: bom, justo, fiel e quer o melhor para Seus filhos. Mas não é o mesmo Deus que a outra igreja apresenta? Como Ele pode ser uma hora bom, outra cruel? Será que Deus não seria cruel demais mantendo os maus num castigo doloroso e sem fim, enquanto os bons desfrutam de um maravilhoso Céu sem nada disso? Será que os bons ficariam em paz sabendo que, ao mesmo tempo em que eles estão felizes, há pessoas - talvez parentes ou amigos queridos - sendo queimadas e guardadas por demônios?

As dúvidas em minha mente são como uma enorme avalanche, mas Jade as interrompe, ao menos temporariamente:

- Estava olhando para estes livros e pensei: "Por que eles ficam aqui, parados, enquanto há pessoas que necessitam tanto lê-los?" Então, tive a ideia de emprestá-los a você... se você quiser, é claro.

Encaro-a, indecisa e hesitante. Ela vai mesmo me emprestar qualquer um destes livros? Será que vou aceitar? Qual devo escolher? O que será que vou encontrar nessas páginas? Será um Deus bom ou ruim? Devo mesmo arriscar?

- Que-queiro - gaguejo, finalmente. - Mas não sei qual escolher. Qual deles você sugere?

Jade sorri e diz:

- Achei que fosse fazer essa pergunta.

Ela pega um dos livros que tirou dos nichos e o estende em minha direção: *Projeto Sunlight*, de June Strong. Eu o seguro com cuidado. Suas páginas estão gastas. Imagino que Ely o tenha lido várias vezes.

- Elaray amava este livro - diz Jade, confirmando minhas suspeitas. - Era um dos favoritos dela.

Deslizo os dedos pela bela e bem cuidada, ainda que gasta, capa. De repente, as dúvidas voltam, mas decido não comentar nada com Jade... não ainda. Apenas agradeço por me emprestar o livro e prometo devolvê-lo em uma semana, no máximo.

Em casa, deixo-o em cima do criado-mudo, ao lado da cama, e encaro-o. Juntando coragem e tendo em mente os "E se?" positivos, abro o livro e começo a ler.

A primeira frase já prende totalmente minha atenção: "Meu nome é Jader, cidadão do Universo, membro dos Escrivães Celestiais."

"Escrivães celestiais? O que será isso?", penso.

Prossigo com a leitura do livro. Os Escrivães Celestiais são anjos - sim, anjos! - responsáveis por registrar as atividades da Terra, como tratados de guerra ou paz, tragédias, e outras coisas. Jader conta que aprendeu a gostar da raça humana por meio da compaixão que o Príncipe - imagino que se trate de Jesus - sente por nós. Ele queria se concentrar em apenas uma pessoa, ao invés de várias ao mesmo tempo, apesar de isso ser trabalho dos Anjos Relatores - outro tipo de anjo. Ele ficou tão obcecado pela ideia que pediu ao Rei - que imagino ser Deus - para focar em apenas um terrestre.

O Rei deu-lhe permissão, e ele decidiu que a pessoa escolhida seria a primeira que virasse uma determinada esquina após as 18 horas. E assim nasce o "Projeto Sunlight", em que Jader conta a história de Meg, uma moça magoada com a vida, a quem apelida de "Sunlight", que, em inglês, significa "luz do sol". É um belo apelido.

Acho que Ely já me falou algo sobre este livro.

Quando estou prestes a começar o terceiro capítulo, ouço o toque do celular. Vejo que a ligação é de Ana Gabriela. Por um milésimo de segundo, pergunto-me como ela conseguiu meu número, então lembro que ela, Max, Theo e eu trocamos os números de telefone no sábado anterior.

- Oi, Ana Gabi!

- Oi, Vi! - ela diz, com a voz abafada por causa do telefone.

- Tudo bem?

- Tudo, e você?
- Melhor, quase impossível. Liguei para perguntar se você quer tomar um sorvete comigo e com os meninos agora. Você topa?

Meu pai trabalha o dia inteiro e só chega tarde da noite, Marco está na faculdade e minha mãe teve um imprevisto no trabalho e precisou sair para resolvê-lo. Por isso, estou sozinha até mamãe voltar, daqui uma hora ou duas.

- Tudo bem, eu topo. Onde encontro vocês?
Ela me passa o nome da sorveteria. Ainda bem que não é muito longe. Ligo para minha mãe perguntando se posso ir. Ela deixa, desde que vá me buscar quando estiver voltando para casa. Animada, aceito a condição.

- A gente se vê em alguns minutos - digo, ao ligar de novo para Ana Gabi.

- Estamos esperando você!
Troco de roupa, coloco meus óculos, pego minha bolsa, um pouco de minhas economias para o sorvete (estava juntando dinheiro para meu aniversário, que está próximo, mas gastar um pouco não vai fazer mal) e saio em direção ao local combinado.

O que é um "estudo bíblico"?

capítulo 9

Ana Gabi acena com o braço esticado, sinalizando para mim de uma das mesas; como se eu já não tivesse reparado em seus longos cabelos vermelhos presos assim que entrei na sorveteria. Sento-me no banco estofado da mesa em que eles estão; cada banco fica de um lado paralelo da mesa e nele cabem duas pessoas, de modo que A.G. e Max sentam em um deles e eu e Theo, no outro.

Uma garçonete bem simpática anota nossos pedidos. Ela se apresenta como Lu. Reparo que Ana segura o celular com a câmera ligada, movendo-o para os lados devagar, gravando tudo ao redor.

- Por que está filmando, A.G.? - pergunto, curiosa.

Ela solta uma risadinha. Como ela não respondeu à minha pergunta, Max se encarrega disso:

- A.G. é apaixonada por qualquer coisa que tenha que ver com fotos, vídeos ou algo do tipo. Por isso, está sempre com essa "coisa" na mão.

Ana se vira para Max e, dando um cutucão nele, diz:

- Nunca se sabe quando vai haver algo que valha a pena ser filmado. E eu também gosto de registrar os momentos de minha vida. Você tem seus livros, Max; Vi, as plantas e os instrumentos; Theo... bem, os "cadernos" dele, e eu, a câmera do meu celular.

- Você desenha, Theo? - pergunto.

Ele cora, e os outros dão risada, enquanto eu fico sem entender qual a graça. Falei algo de errado?

- Bem... - Theo começa, tímido como sempre. - Na verdade, gosto de arquitetura, e guardo meus projetos em pastas, que Ana

insiste em chamar de "cadernos". Mas eu também tenho meus cadernos de idiomas, então suponho que ela quis dizer os dois.

- Exatamente! - a garota diz, sem parar de filmar.

- Quais línguas você fala?

Ele hesita por um momento antes de responder:

- Inglês, espanhol, francês e estou terminando meu curso de italiano.

Levanto as sobrancelhas, surpresa. Nunca poderia imaginar que o rapaz tímido sentado ao meu lado poderia ser um poliglota.

- Que legal! - exclamo, no momento exato em que Lu volta com nossos pedidos.

Theo cora e tenta desviar o assunto:

- Max, você não falou que tinha ganhado um livro novo ontem?

O garoto abre um sorriso.

- Ganhei! Foi escrito por um palestrante cristão e é muito bom. Confesso: "devorei" esse livro. Já estou nas últimas páginas!

Ana Gabi levanta as sobrancelhas e diz, pegando uma generosa colherada de *sundae*:

- Você "devora" qualquer livro, Max...

- Corrigindo: ele "devora" qualquer livro que *preste* - fala Theo. - Apesar de ele ser capaz sim de ler um livro *megarruim* em poucas horas.

Max dá de ombros.

- Prática - diz. - E não leio "qualquer livro", não, A.G.! Mas isso simplesmente porque há livros que eu penso que meus olhos não deviam ler, pois contêm certas coisas que não sintonizam com meus princípios. E gosto de livros cristãos e de histórias verídicas. Não entendo como você fica tão surpresa quando compro um desse tipo.

- Bem, é que você era *vidrado* em livros de ficção científica. Só falava em magia, fantasia e essa baboseira que eu não consigo entender. Se perguntarem qualquer coisa para você sobre um dos livros desses gêneros, você vai saber responder, tenho certeza. Não pensava em outra coisa. E a criatura forçou tanto a vista que agora tem que usar esses óculos!

- É, Max, tenho que admitir - diz Theo. - Você era um viciado. Max dá de ombros novamente, sorrindo, e A.G. continua:

- Aí, do nada, *puf!* Virou o cara que lê biografias, histórias verídicas, livros cristãos...

- Não foi "do nada", Ana - fala Theo. - Você é que não presta atenção no que está acontecendo ao seu redor.

- Prestar atenção ela presta - brinco -, mas só armazena na memória o que é bom para fazer um vídeo.

Todos riem da minha piada.

- Por falar em livros... - falo - Jade e eu fizemos um acordo.

- Que tipo de acordo? - pergunta A.G., com o celular a postos.

- Abaixei isso já, Ana Gabriela! - falo apontando para o aparelho, e ela obedece, fazendo beicinho; eu volto a explicar: - Bem, como Ely tinha vários livros e Jade não quer vê-los pegando poeira, ela combinou comigo que vai me emprestar um deles de cada vez, para que eu possa lê-los.

- Qual livro você pegou primeiro? - Max está curiosíssimo.

- *Projeto Sunlight*.

- Este livro é muito bom - comenta Theo. - Já li três vezes; cada uma em um idioma diferente.

- Também gosto bastante dele. Vale a pena ler - diz Max, tomando um pouco de *milkshake*.

- Concordo com o Max. Você vai *amar*, Violeta! - fala Ana Gabi. - E, Theo, por que você leu o mesmo livro em três línguas diferentes, rapaz?

Ele dá de ombros, tirando o cabelo bagunçado dos olhos.

- Para praticar cada uma delas - diz. - E depois eu li em português porque queria verificar se minha tradução estava correta. Acertei quase tudo.

- Era um dos favoritos de Ely - digo, engolindo um pouco de sorvete. - Comecei a ler e já gostei das primeiras frases, apesar de estar meio insegura... quanto ao Deus que vou encontrar nele.

Meus amigos - sim, agora os considero *amigos*, e nem faz tanto tempo que os conheço - me encaram, sem entender o que quis dizer.

- Como assim, Vi? - pergunta Theo, confuso.

Tenho quase certeza de que estou corada. Não sei por que disse isso, mas penso que foi melhor eu ter falado.

- Bem... - começo, mas paro, tentando escolher melhor as palavras que vou usar - às vezes as pessoas me contam sobre um Deus de amor e bondade; mas outras vezes elas falam sobre um Deus cruel, que faz os maus sofrerem para sempre. E eu não sei qual deles é o verdadeiro, ou se são um só, nem qual deles encontrarei em *Projeto Sunlight*.

A.G. solta um suspiro, Max sorri e Theo me encara e diz:

- Entendo o que quer dizer.

- Sério?

- Sim. Antes de eu me tornar cristão, tinha a mesma dúvida. Só consegui resolver esse "enigma" depois de receber um estudo bíblico.

- O que é um "estudo bíblico"?

- Simplificando, é quando alguém nos ensina mais sobre a Bíblia - conta Max, brincando com o canudo de seu copo.

- Ah... E o que você concluiu, Theo?

Ok, eu estou bem curiosa quanto a isso, admito.

- Cada pessoa tem conclusões diferentes, por isso acho que não posso responder por você.

Algo preenche meu peito. Algo como uma enorme vontade de conhecer mais sobre Jesus. Não só para tirar minhas dúvidas, mas porque sinto que O conheço muito pouco. Nunca achei que sentiria isso, e quase não acredito em mim mesma quando as palavras saem de minha boca:

- Eu... Eu quero fazer um estudo bíblico!

Theo sorri para mim, feliz, e os outros também. Ana Gabi então diz:

- Pois bem, vamos marcar a data e começar.

- Mas, Gabi, quem vai dar o estudo para ela? - questiona Max.

Ela bate o punho fechado de uma das mãos contra a palma esticada horizontalmente da outra.

- É mesmo! Só nós três... não vai dar certo... Precisamos de um adulto que entenda mais do assunto. Já sei! Vamos pedir a Jade que nos ajude. Fica combinado, então: eu vou pedir ajuda a Jade e...

- Ana! - exclama Theo. - O que você quer dizer com "só nós três"? Você não estava pensando em...

- Sim, meu amigo - diz Max, com um ar derrotado. - Ela estava pensando *exatamente* nisso.

- Meu Deus! - Theo cobre o rosto com as mãos, com os cotovelos apoiados na mesa. - Não acredito!

- Ah, parem de moleza, vocês dois! - Ana Gabi fala. - Quando temos a oportunidade de fazer algo legal, vocês dois ficam com uma timidez boba! Ah, por favor, vai ser legal!

- Não estou entendendo - digo, rindo um pouco.

Uma breve troca de olhares entre eles só me confunde mais ainda. Eles parecem se comunicar em silêncio. Finalmente, Max levanta os braços em sinal de rendição. Theo se inclina para trás e cobre os olhos com o braço dobrado sobre eles. Todos os três dão risada, e A.G. cruza os braços, vitoriosa.

- Não acredito que vamos realmente fazer isso - diz Max, sem parar de rir.

- Ainda não entendi - falo, olhando para eles.

Theo tira o braço do rosto, ajeita-se no banco, vira-se para mim e diz, sorrindo:

- Vi, nós vamos dar um estudo bíblico para você, com Jade, se ela topa.

- E tenho quase certeza de que ela vai topa - fala Max.

Abro um grande sorriso. A animação cresce em meu peito com a notícia. Se meu pai me visse agora, provavelmente me internaria num hospício!

- Quando podemos começar? - pergunta Ana Gabi, animada.

- Ei, temos que falar com Jade primeiro - fala Max.

A garota revira os olhos.

- Acabei de mandar uma mensagem para ela - diz, mostrando o celular aberto. - Ela disse: "*É obvio que sim, Gabi!*" e falou que é só marcar a data e o horário, e que pode ser na casa dela. E que ela vai falar com os pais da Violeta pedindo a autorização deles.

- Que horário você está livre, Vi? Digo, se seus pais deixarem? - pergunta Theo.

Penso um pouco. Tinha aulas de violino e flauta transversal todas as terças e quintas, mas, com tudo o que aconteceu,

acabei parando com elas, mas decido manter o horário vago. Talvez eu volte ao conservatório algum dia.

- Estudo de manhã, e prefiro deixar as tardes de terça e quinta vagas, pois acho que vou voltar ao conservatório musical. Minha matrícula está trancada por enquanto, mas espero retornar em breve.

Um frio percorre minha espinha. Sei que não vai ser tão fácil assim voltar a ouvir um som produzido por um violino. Já não é fácil pensar em um. Até mudei meu violino de lugar no quarto, deixando-o num ponto estratégico em que é difícil notá-lo.

- Ok - diz Max -, então vamos fazer isso todas as segundas, às quatro da tarde. Jade não trabalha fora e nenhum de nós tem algum compromisso nesse horário, então acho que vai dar certo.

- Estou avisando Jade agora - diz Ana, com os dedos deslizando sobre a tela do celular.

A resposta vem rapidamente, e ela exclama:

- Boa! Ela disse que está combinado - Ana olha para mim e pisca. - E disse que vai pegar no seu pé para você levar uma visita. Ela vai ligar agora para a sua mãe para conversar com ela. Depois, vai ligar para você.

- Tudo bem - digo, sorrindo. - Diga a ela que aceito o desafio.

Mal posso esperar para a segunda-feira chegar. Espero que o tempo passe rapidamente.

E o mal

surgiu assim...

capítulo 10

Toco o interfone da casa de Jade. Hoje é segunda-feira, e começarei meu estudo bíblico. Confesso que estou um pouco nervosa; respiro fundo e tento me acalmar.

Dentro da casa, sento-me num sofá ao lado de Ana Gabriela e Theo, Max e Jade sentam no outro.

Todos eles seguram uma Bíblia, mas cada uma diferente da outra: a de Jade é vermelha e grande; Theo segura uma preta de tamanho médio; Max tem uma do mesmo tamanho da de Theo, porém sua capa é verde; a de Ana Gabi é pequena e branca com detalhes dourados. Somente eu não trouxe uma Bíblia, pois não tenho nenhuma.

Jade nota que não tenho Bíblia e pede que Theo busque uma para mim. Ele traz uma igual à dele e me entrega. A diferença, que eu noto quase que imediatamente, é que a dele está em outro idioma, que suspeito ser francês. Lembro-me de ele ter comentado certa vez que essa era sua língua favorita.

As páginas do grosso livro são finas e delicadas, com as laterais douradas. Na capa, está escrito em letras douradas: *Bíblia Sagrada*.

Nunca achei que sentiria a estranha emoção que estou sentindo ao segurar uma Bíblia pela primeira vez.

- Muito bem! - diz Jade. - Agora que todos têm uma Bíblia, vamos começar. Quem pode orar para nós?

Ana Gabi levanta a mão imediatamente. Jade consente com a cabeça. Fechamos os olhos, e a garota ora:

- Pai querido, hoje estamos começando a ensinar à Violeta um pouco mais sobre Ti e Teu amor. Mas, antes de iniciarmos,

queremos pedir Tua sabedoria para que possamos fazer isso da maneira correta, e que Violeta consiga entender. Queremos pedir que Teu Espírito Santo esteja presente nos auxiliando. Amém.

- Ok, por onde os bonitos querem começar? - diz Jade, olhando para Ana, Theo e Max. - Eu estou aqui só para dar uma "força" caso vocês coloquem fogo na casa ou algo assim. Não vou ensinar praticamente nada a Vi; vocês vão.

- Do começo, óbvio - diz Max.

- Qual começo? - Jade pergunta novamente. - Há mais de uma opção para o que você chama de "começo".

- O "começo" de antes de a Terra existir. Que tal? - sugere Ana.

- É um bom "começo".

- Theo, é com você! - fala Max.

Theo encara o amigo.

- Isso é só porque eu não falei nada até agora, não é?

- Não. É porque gostamos quando você conta essa história

- Max ri de um jeito brincalhão.

Theo abre um sorriso e vira-se para mim. Ele diz:

- Quer ouvir a história mais antiga e reveladora que nós, seres humanos, conhecemos, Violeta?

Faço "sim" com a cabeça, curiosa, e Ana Gabriela aponta com o braço esticado para Theo.

- Viu? - diz. - Até a introdução que ele faz é interessante!

- Deixe-o contar - pede Jade.

- Antes que nosso mundo existisse, antes que o Universo existisse, Deus já existia, pois Ele é eterno - começa Theo.

- Ou seja - diz A.G. -, Deus sempre existiu, existe e nunca deixará de existir.

- Exatamente - Theo continua. - E, antes de nos criar, Ele criou o Céu e vários outros seres que os humanos chamariam de "sobrenaturais", incluindo milhares de milhões de anjos. No Céu, cada anjo tinha sua função, e todos viviam em paz, alegria e harmonia. Imagine um lugar sem sofrimento, dor, corrupção ou qualquer coisa que seja ruim! Tudo estava na mais perfeita ordem, até que algo terrível aconteceu.

Projeto Sunlight volta à minha mente. Lembro-me de ter lido algo sobre os anjos, o Céu e coisas assim. Eram partes que

prendiam minha atenção de maneira impressionante, se bem que o livro todo fez isso comigo, até o fim da história.

Não tem como não prestar atenção na narrativa de Theo ou deixar as palavras pronunciadas por ele passarem despercebidas. Praticamente não pisco diante da história.

- Havia um anjo, o maior deles, chamado Lúcifer, que significa "portador da luz"; alguns dizem que ele era o regente do coro celestial. Ele era o anjo mais belo e respeitado. Tinha tudo de que precisava, e ocupava o cargo mais alto entre os anjos do Céu. O que mais podia querer? Acho que nada. Porém, certa vez, Lúcifer passou a se perguntar por que todos os anjos e seres vivos prestavam culto a Deus, inclusive ele. Lúcifer começou a se comparar a Deus, e quis ser igual a Ele. Esse anjo começou a sentir inveja e ódio do próprio Criador.

- Que terrível! - exclamo. - Como alguém pode sentir raiva de quem o criou?

Theo sorri e continua a história:

- Deus sabia exatamente o que esse anjo sentia e pensava, até mais que o próprio Lúcifer. Pois Deus é onisciente.

- O que é isso? - pergunto.

- Significa que Ele sabe de todas as coisas, até das que não aconteceram ainda - diz Ana Gabi. - Conhece cada um de nós melhor que nós mesmos ou que qualquer outro.

- Ah, entendi... Pode continuar, Theo.

- Deus chamou Lúcifer e conversou com ele; tentou convencê-lo de que o caminho que ele estava tomando não era certo, e só iria levá-lo à própria destruição. Mas ele não O escutou, e começou a espalhar muitas mentiras a respeito de Deus por todo o Céu. Infelizmente, um terço dos anjos acreditou nele e em suas mentiras.

"Um terço?! Mas são muitos e muitos anjos!"

- Deus sabia que não podia deixar Lúcifer e seus seguidores no Céu, para continuarem a espalhar mentiras a Seu respeito. Por isso, expulsou todos de lá, retirou a glória do anjo rebelde e de seus seguidores. Depois disso, Lúcifer passou a ser conhecido como "Satanás", que significa "inimigo". O anjo que um dia tinha sido o mais importante do Céu, que era portador de luz,

tornou-se o anjo mais desprezado por aqueles que continuaram a servir a Deus, e se revoltou, virou um inimigo. Os anjos ficaram muito tristes por isso ter acontecido, pois antes respeitavam Lúcifer e gostavam dele.

Como alguém que tinha tudo do que precisava para ser feliz se rebelou desse jeito contra o Ser superior, o mais poderoso que existe, a ponto de ser chamado de "inimigo"?!

- Muito tempo depois disso, Deus criou a Terra e os seres humanos, mas essa é uma história para depois - diz Theo. - E foi aqui, neste planeta, que Satanás e seus seguidores vieram estabelecer seu domínio. A Terra é o único planeta que caiu em pecado, que abriga os inimigos. E eles estão aqui até hoje, criando armadilhas para todos nós. Querem que pensemos como eles: que podemos ser maiores que Deus, mais poderosos que Ele - ele balança a cabeça negativamente -, mas não podemos; ninguém pode nem poderá. Deus é, foi e sempre será o Ser mais poderoso e justo que há em todo o Universo.

- Alguma dúvida? - pergunta Max.

Nego com um movimento de cabeça.

- É aí que percebemos - diz Jade - o tamanho do poder que Satanás tem sobre este mundo. A glória, a beleza e os poderes dele e dos outros anjos que acreditaram em suas mentiras foram retirados, mas não o conhecimento nem a sabedoria que tinham. Satanás era o anjo mais inteligente que havia no Céu, o mais importante, mais respeitado.

- Não se esqueça: ele era o regente do coro celestial - lembra Ana Gabi.

- Exatamente! Ele sabe da maioria das fraquezas da raça humana, pois foi *ele* quem fez os primeiros humanos caírem em pecado, muitos anos atrás. Se ele sabe o que fazer para enganar *um terço* dos anjos do Céu, que são extremamente sábios, quantos humanos ele pode levar para o seu lado?

Jade faz uma pausa para que possamos absorver suas palavras. Ela não se dirige somente a mim, mas também a todos os outros que estão presentes. Sinto que eles já sabem dessas coisas, mas não hesitam em prestar atenção e ouvi-las novamente, como que para reforçar o conteúdo.

- Satanás é conhecedor da música - diz ela. - Ele é mestre em fazer as pessoas se afastarem de Deus por meio dela. Sabe que tipo de música usar para certo tipo de pessoa ir para o lado dele, mesmo que involuntariamente. Isso é muito grave; por isso, devemos ter muito cuidado com as músicas que ouvimos. Para falar a verdade, com tudo o que fazemos, acreditamos e até mesmo pensamos. Não que ele seja capaz de ler a mente, mas com o tempo, os pensamentos se tornam ações, que viram hábitos, que formam o caráter, que demonstrará se você segue ou não Jesus.

Outra pausa. Seu olhar é sério e preocupado ao mesmo tempo.

- É importante lembrar - diz Max - que tudo aquilo que não é inspirado por Deus vem de Satanás.

- Não existe meio-termo - conclui Theo. - Nunca existiu nem existirá. Servimos a Deus ou a Satanás.

- Não sei vocês, mas *eu* sirvo a Deus! - exclama Ana Gabi, erguendo as mãos acima da cabeça.

Todos dão risadas. Mas a minha se parece mais com a risada da Violeta de três anos atrás do que a da Violeta atual: fraca, seca e rápida.

Percebo que várias das músicas que ouço, mesmo verificando a tradução, não são de Deus. Não só as músicas, mas também minhas ações, crenças e pensamentos.

Imagens e lembranças vêm à minha mente neste momento. Lembranças de Elaray me convidando discretamente - como ela sempre fazia - para acompanhá-la a algum evento cristão ou simplesmente para ir à igreja ou ao Clube de Desbravadores com ela; Ely me contando histórias da Bíblia; chamando minha atenção quando fazia algo errado; ensinando-me a tocar músicas que glorificam a Deus; tentando, secretamente, convencer-me de que o caminho que escolhi é errado. E nunca dei ouvidos a ela. Não ouvi seus conselhos, advertências, alertas...

Como fui *estúpida* em achar que estava neste meio-termo inexistente! Lágrimas se acumulam em meus olhos, mas novamente me recuso a permitir que caiam. Mesmo assim, algumas delas escapam.

Carla tenta fazer Calebe "deixar Marco em paz", mas meu irmão diz:

- Pode deixar ele comigo. Gosto de crianças.

- Trouxe o que eu pedi? - pergunta Ana para mim.

Confirmo com a cabeça, erguendo um pouco o cotovelo para mostrar o violão. Antes de sair de casa, recebi uma mensagem dela pedindo para levar meu violão. Apesar de Gabi não ter explicado o motivo, trouxe o instrumento.

- Ótimo! - ela diz. - Vamos entrar?

Já no asilo, percebo que Ana Gabi e sua família já estiveram ali várias vezes. Os funcionários e os idosos os recebem animadamente e com sorrisos estampados nos lábios.

Há um longo e largo corredor que leva às demais partes do asilo, com vários bancos compridos de madeira clara e, atrás deles, canteiros com flores: rosas, tulipas, violetas e... margaridas. Tenho extremo cuidado em ficar bem longe dos canteiros de margaridas, por causa de minha alergia.

Joyce, seguida por Ana Gabriela, aproxima-se de uma senhora de aparência gentil e as duas começam a conversar com ela amigavelmente.

- Olá, Sra. Lancaster! - cumprimenta Joyce, sentando ao lado da idosa, em um dos bancos.

A senhora ergue o rosto e seu sorriso aumenta.

- Ah, olá, Joyce! - ela diz, com uma doce e suave voz. -

Olá, Ana Gabriela!

- Oi, Sra. Lancaster! - diz A.G. - A senhora está bem?

- Ora, ora... - ela ri um pouco. - Estou bem, sim!

Minha amiga abre um meigo sorriso.

- Que bom! - ela se vira para mim e, com um movimento de mão, indica que quer que eu e Marco nos aproximemos. - Esta é Violeta, minha amiga, e este é o irmão dela, Marco.

- Muito prazer! - diz Marco.

- Olá! - falo.

- Olá, queridos! - a Sra. Lancaster diz docemente, notando o instrumento em minha mão. - Você toca violão, Violeta?

Confirmo com a cabeça.

- Ah, mas não é só violão que ela toca! - diz Ana, animada.

- A Violeta toca flauta transversal, piano e violino também, não é mesmo, Vi?

Meu corpo inteiro fica tenso quando ela menciona a palavra "violino", mas faço um esforço para continuar firme.

- Falando nisso - digo, tentando desviar o assunto antes que eu ouça algo sobre "violinos" novamente -, por que você pediu para eu trazer o violão?

- Você vai ver - é a única coisa que Ana Gabi responde.

Continuamos caminhando, parando várias vezes para conversar um pouco com os idosos e os funcionários; todos são bem legais.

Com o tempo, paro de identificar os canteiros de flores e começo a me concentrar nas pessoas em volta.

Encontramos um senhor que chamam de "Seu" Amadeu e começamos a conversar. Ele é gentil e bem divertido.

- *Atchim!* - espirro, mas não presto muita atenção.

Quer dizer, até meu nariz começar a coçar muito e eu ter uma crise incontrolável de espirros.

- Violeta, está tudo bem? - pergunta Ana Gabi, preocupada.

Antes que eu consiga responder, vejo as flores do canteiro ao meu lado e aponto para elas enquanto me afasto rapidamente, sem parar de espirrar. Ainda bem que Marco entendeu e explica por mim:

- São margaridas. Violeta é alérgica.

- Ail! - exclama Carla. - Por que não avisou antes?

- Eu não... *atchim!*... tinha visto...

Todos vamos para um local mais afastado de qualquer canteiro de margaridas que esteja por perto. Aos poucos, meu nariz para de coçar e os espirros cessam; minha crise alérgica finalmente acaba.

Depois desse pequeno "problema", tudo volta ao normal. Vamos até uma espécie de pátio, onde vários idosos estão conversando. Sentamos em bancos próximos uns dos outros, no centro do pátio. Vários idosos vêm nos cumprimentar e ficam por perto, esperando algo acontecer.

- Quais músicas você sabe tocar, Vi? - Ana Gabi me pergunta.

- De qual tipo de música você está falando? - pergunto de volta, curiosa.

- Que tal músicas cristãs? Se você souber alguma... - ela parece tímida em perguntar; deve achar que não sei nenhuma.

Sorrio e começo a falar as músicas cristãs que sei tocar, ao menos no violão. Joyce escolhe uma e tira da bolsa uma bela flauta doce.

- Vamos lá - diz, posicionando o instrumento perto da boca enquanto eu tiro o meu da capa. - Eu acompanho você. Pode ser?

Posiciono o violão e começo a tocar, e Joyce me segue com sua flauta.

Faz tempo que não toco música cristã. A última vez foi quase um mês antes do acidente, mas ainda me lembro dos acordes.

Ouçoo vozes cantando, então percebo que são de Ana Gabi, Carla e Fernando. Até mesmo Calebe arrisca alguns versos. Sorrio e começo a cantar também, mas sem parar de tocar. Minha voz não é das melhores... tudo bem! Uma estranha felicidade preenche meu peito, e por alguns momentos esqueço-me do vazio que está ali. Nesta hora, existem somente eu, o som do violão, a flauta de Joyce, as vozes da família de Ana Gabi... e Deus.

No restante da tarde de sábado, cantamos e tocamos várias músicas para todos os que estão no asilo e conversamos com eles. Eu até dou alguns conselhos sobre o uso de ervas medicinais.

De alguma forma extraordinária, consigo sentir Deus ao meu lado, perguntando-me, pelas letras das músicas que eu mesma toquei e cantei, se irei deixá-Lo entrar em meu coração. É uma sensação maravilhosa, que nunca achei que sentiria, mas que também não quero parar de sentir.

Decido deixar meus medos, problemas, minhas preocupações, tristezas, tudo na mão de Deus e digo mentalmente: *"Senhor, a partir de agora, quero pertencer somente a Ti - a ninguém mais."*

O Clube de Desbravadores

capítulo 14

Sou a primeira a chegar ao local combinado, e não demora muito tempo para Bruno chegar também. Dez minutos depois, Emily também "dá o ar de sua graça". Quer dizer, ela está com uma cara de sono e o corpo mole, mas fico feliz que tenha vindo.

Caminhamos até o local da reunião: a quadra de uma escola da cidade. Logo que nos aproximamos da entrada, vejo uma figura alta, de cabelos castanhos e bagunçados e olhos de cores diferentes, que eu reconheceria em qualquer lugar do mundo.

- Theo! - chamo, acenando discretamente.

Ele se volta em minha direção e acena de volta. Emi e Bruno ficam surpresos ao ver que sou amiga de Theo, por ele ser um pouco mais velho, e mais ainda ao notarem que um de seus olhos é castanho e o outro, verde. Max se aproxima logo em seguida e nos convida a entrar. Ana também chega poucos minutos depois.

Quando entramos, vejo que há uns 30 adolescentes, dentre eles Lauree, Lucas, Vanessa e Pedro. Dentre os líderes, reconheço o cabelo loiro e bem arrumado e o sorriso animador de Edgar.

Vários usam um lenço amarelo ao redor do pescoço, preso por algo que eles chamam de arganel: um "pequeno cilindro" de tecido com o emblema dos Desbravadores no centro (um triângulo vermelho com um escudo branco e uma espada azul-marinho no centro). A cor do arganel e de outro emblema atrás do lenço varia de acordo com a idade: bege para os que têm menos de 16 anos, e branco para os que têm mais.

A reunião começa ao som do apito do diretor Josué. Todos se organizam em quatro filas, chamadas unidades. Duas delas são

formadas por meninas e duas por meninos. Cada uma com, no máximo, oito pessoas. Cada unidade tem um capitão (o líder), um secretário (aquele que "administra" a unidade) e um conselheiro (que tem, no mínimo, 16 anos). Como Jade provavelmente diria, "o conselheiro é quem impede que vocês reduzam a quadra a cinzas".

Emily e eu ficamos na unidade de Ana Gabi, que é a capitã, já que foi ela quem nos convidou. Bruno fica na unidade de Max, que é o conselheiro, pois não se pode misturar meninos e meninas em uma mesma unidade. É uma regra.

Emily e Bruno logo se enturmam com Max, Theo e A.G., e com os outros desbravadores também, assim como eu.

No início, há uma história como meditação, contada pelo próprio Ed. Depois, cada unidade se reúne em lugares diferentes para o Cantinho da Unidade. Ali são feitos os programas individuais de cada grupo. Depois disso, nos dividimos em classes de acordo com nossa idade, para cumprir os chamados Cartões de Classe.

Bruno, Emily e eu ficamos na classe de 14 anos: *Excursionista*. Ok, eu sei que tenho 13, mas como meu aniversário está bem próximo, acabei ficando com os de 14, com Ana Gabi, Lauree e Lucas. Theo e Pedro têm 15 anos, então vão para a classe de *Guia*. Vanessa e Max ficam na classe de *Líder*, pois têm 16. As classes começam aos 10 anos, com a Classe de *Amigo*, depois, com 11, vem a de *Companheiro*, após essa vem a de *Pesquisador*, *Pioneiro*, *Excursionista* e *Guia*. E depois ainda vêm *Líder*, *Líder Máster* e *Líder Máster Avançado*.

Aprendemos rapidamente os principais comandos da ordem unida: sentido, descansar, firme, direita ou esquerda volver, meia-volta volver, frente para a direita, esquerda ou retaguarda. Aprendemos nós também. Afinal, não existe só o nó simples ou o laço do cadarço, certo?

Nessa reunião, fazemos algumas atividades para cumprir os Cartões de Classe. Em seguida, há uma brincadeira muito interessante que a diretoria preparou e depois de alguns anúncios, o encerramento.

- Uau, foi muito legal! - exclama Emily, no portão da quadra, após sermos dispensados para voltar para casa.

- Pois é - digo. - Eu com certeza vou voltar na próxima semana!

Ana Gabriela solta um gritinho agudo e me abraça com força.

- Sabia que você ia gostar! - diz.

- Ana... sem querer atrapalhar, mas... eu não consigo respirar...

Ela me solta, e eu consigo, enfim, respirar normalmente de novo.

- Acho que também vou vir na próxima semana - diz Bruno.

- Não custa nada afinal, não é, Emily?

Ela hesita antes de dizer:

- É... Acho que não custa nada vir também.

É a minha vez de abraçar meus amigos, feliz. Rimos e nos despedimos. Emily, Bruno, Max e eu voltamos para casa juntos, já que moramos perto uns dos outros.

Sou a última a chegar em casa, pois sou a que mora mais afastada dos outros. "Mal posso esperar para contar a Marco o que aconteceu nesta manhã", penso, sorrindo.

Aprender a amá-Lo

capítulo 15

Isso aconteceu aproximadamente um ano antes do acidente que matou minha amiga.

• • • • •

Elaray e eu estávamos em casa, em uma sexta-feira à tarde, fazendo palha italiana. Era algo que sempre fazíamos, pois ambas amávamos esse doce e sempre preparávamos quantidades um pouco maiores, porque cada uma levava um pouco para casa. Era a minha vez de "ceder o local" em que faríamos nossa receita.

Tínhamos acabado de fazer a palha italiana e estávamos arrumando tudo, quando olhei pela janela e falei:

- Ely, veja este pôr do sol.

Ela olhou e sorriu.

- Eu sei. É hora de ir para casa - ela disse, guardando a vasilha que tinha lavado. - Sabe o que isso significa, Vi?

Balancei a cabeça negativamente, e ela sorriu.

- Significa que, lá em casa, vamos ter uma deliciosa sobremesa para o lanche depois do culto.

• • • • •

A família de Elaray faz algo chamado de "culto de pôr do sol". Para os adventistas do sétimo dia, o sábado (ou seja, o dia sagrado) começa no pôr do sol de sexta-feira e vai até o pôr do sol de sábado. Em cada um, eles fazem um culto diferente.

No de sexta, agradecem a Deus a semana e o sábado que está começando; no de sábado, agradecem pelo dia e pedem bênçãos para a próxima semana. E geralmente há um lanche especial depois de cada culto.

Nunca participei de um culto desses, apesar de Ely sempre ter me contado como é e me convidado a participar. Mas eu sentia que meu lugar não era ali. Ou melhor, eu achava que meu lugar não era ali.

• • • • •

- Fico feliz por isso - disse.

- Por que você não vem? - ela perguntou. - Vai ser legal! Você não vai se decepcionar. Por favor!

Havia algo em seus olhos, como uma súplica, que antes eu não conseguia entender. Agora entendo: não se tratava de um simples pedido; tratava-se de um objetivo que antes eu não conhecia, o último objetivo de minha melhor amiga.

- Desculpe, Ely - disse. - Não posso. Meu pai vai chegar hoje, provavelmente. Gostaria de ficar com ele.

Fazia quase uma semana que não via meu pai direito. É claro que gostaria de ficar com ele, mas sabia também que podia ficar com ele depois de ir ao culto na casa de minha amiga. A verdade era que eu não queria ir realmente, pois fui educada a não me envolver com religião, e eu gostava dessa educação; não queria abrir mão dela.

Elaray levantou as sobrancelhas e falou:

- Ai, Vi! Como pude esquecer? Desculpe-me. Eu sei que você quer ficar com o Sr. Denis. Não quis atrapalhar. Eu só achei que seria legal ter você e, se fosse possível, sua família lá em casa para o culto... Mas tinha me esquecido da chegada de seu pai. E eu entendo, pois sei que vocês querem passar um tempo com ele. Não tem problema.

Sorri.

- Talvez outro dia eu vá, tudo bem?

Seu rosto se iluminou e ela concordou animadamente com a cabeça.

- Ei, o pôr do sol... - ela falou, apressada. - É melhor eu ir para casa. Minha mãe vai querer arrumar esses doces na mesa antes de escurecer.

Ela pegou a vasilha com sua parte dos doces e, antes que se despedisse, perguntei:

- Ely... Por que você guarda o sábado?

Ela sorriu.

- Está nos Dez Mandamentos, a Lei que Deus escreveu com o próprio dedo em pedras e deu a Moisés, o líder do povo de Israel naquela época. Mas essa não foi a primeira vez que o sábado foi mencionado na Bíblia. Na Criação, Deus estabeleceu um dia, o sétimo, ou seja, o sábado, como dia de descanso. E Jesus, os apóstolos e praticamente todos aqueles que seguiram a Deus guardaram o sábado, em obediência à Sua lei. Eu amo e, por isso, também guardo o sábado.

Fiquei pasma diante de suas palavras! Tão cheias de certeza... cheias de uma devoção desconhecida para mim. Ely enfrentava preconceito na escola, comentários maldosos, todas as dificuldades que apareciam no caminho, para cumprir algo que Deus pede de nós.

Lembro-me de pensar que gostaria de ter uma fé assim, que enfrenta tudo por Deus, mesmo não acreditando muito Nele.

Naquele dia, enquanto Ely estava em sua casa, provavelmente desfrutando de um agradável culto de pôr do sol, eu, em casa, com minha família, fiquei pensando como seria ter um Deus. Crer que existe Alguém maior que você, que zela por sua segurança, Alguém a quem você pode recorrer quando precisar, pois Ele sempre estará com você.

Cheguei à conclusão errada de que, se Deus existe, Ele provavelmente estaria ocupado demais com as outras pessoas para pensar em cuidar de alguém como eu, em estar ao meu lado em todos os momentos de minha vida. Mal sabia eu que Deus nunca deixou de me proteger e de ficar ao meu lado, assim como faz com todas as pessoas. Afinal, um pai nunca se esquece de seu filho, certo?

Meus pensamentos errados me afastaram ainda mais de Deus. Gostaria de poder voltar no tempo para mudar isso, mas não posso. Acho que terei que mudar o presente e o futuro. Quanto ao passado, não posso fazer nada com ele.



Marco ficou fora com alguns amigos o dia inteiro, por isso não consegui falar com ele sobre os Desbravadores. À noite, resolvo dormir mais cedo, por causa da aula no dia seguinte.



À tarde, no dia seguinte, ouço passos em minha direção. Viro-me e vejo Marco caminhando pelo jardim, aproximando-se dos canteiros onde estou trabalhando. Sorrio. Ele senta no comprido balanço de madeira ao meu lado.

- Já voltou? - pergunto. - Achei que iria dar uma volta depois da aula.

Ele dá de ombros.

- Queria falar uma coisa com você.

Deixo as plantas de lado e olho para ele de onde estou.

- Pode falar.

Ele respira fundo, hesita por um instante e finalmente diz:

- Por que você está indo à igreja? Você já não fez o que pôde para cumprir o último objetivo?

A pergunta me pegou de surpresa. Sim, eu já fiz o que pude para cumpri-lo da primeira vez que fui à igreja. Eu não preciso mais ir aos cultos, ao Clube de Desbravadores, não preciso estudar a Bíblia com meus amigos nem continuar pensando sobre Deus. Para falar a verdade, poderia simplesmente parar por aqui, deixar tudo isso de lado e voltar para minha "vida normal". Papai voltaria a ficar feliz comigo se eu fizesse isso e eu poderia simplesmente esquecer que tudo isso um dia existiu. Então, por que não desisto de tudo? Por que insisto em continuar indo à igreja, aos Desbravadores, ao estudo bíblico? Por que continuo a confiar em Deus?

De repente, a resposta aparece em minha mente, clara como cristal. Fixo meus olhos nos de Marco e recuso-me a desviar o olhar.

- Porque eu quero aprender a amar Jesus - falo, decidida.

Ele se assusta um pouco com minha certeza e olha os próprios pés.

- Entendi... - ele diz e sorri. - E você acha que já está começando a amá-Lo?

Tiro as luvas descartáveis das mãos e sento-me ao seu lado no balanço.

- Sim, estou aprendendo.

Marco fixa seus olhos nos meus e diz algo que jamais pensei que ouviria:

- Será que você pode me ensinar?

Perco o ar por alguns segundos. Encaro-o, sem saber se entendi direito o que acho que ouvi ou se meus ouvidos estão tentando me pregar uma peça.

- O... o que você disse? - gaguejo.

- Venho pensando nisso desde o dia em que fomos visitar o asilo. Ver você e a família de Ana Gabriela falando de Jesus para aqueles idosos por meio da música mexeu comigo. Você estava, e está diferente... mais leve, descontraída e feliz. Seus olhos brilhavam com uma intensidade que nunca tinha visto antes. Antes, o azul-escuro deles parecia apagado em seu rosto desanimado, mas agora... Agora eles brilham como duas pedras preciosas. Fiquei pensando: "O que fez minha irmã ficar assim?", então percebi que, desde que você tentou cumprir o *último objetivo*, desde que conheceu Jesus, você tem estado desse jeito diferente. E percebi que eu também quero conhecer Jesus. Quero aprender a amá-Lo.

Abro um enorme sorriso e não me contenho: rindo e, admito, com os olhos cheios de lágrimas, lanço-me sobre ele e o abraço fortemente. Ele também ri um pouco e me abraça com a mesma força.

Meu irmão quer conhecer a Deus por minha causa... por causa das mudanças que ele viu em minha vida. Nunca pensei que isso aconteceria.

- Violeta, posso ir ao estudo bíblico com você?

Aperto um pouco mais o abraço.

- Só quando a Terra passar a ser redonda - brinco.

Ele sorri.

- Que bom! - diz. - Porque eu iria mesmo se você não deixasse. Seria inútil tentar me impedir.

Três desejos

capítulo 16

Ouço o toque de notificações do celular e vejo do que se trata: *Mensagem do Theo*.

Theo

Oi, Vi! Tudo bem?

Respondo:

Oi! Tudo sim, e você? ✓

Theo

Bem também.

Suas dores de cabeça já pararam? ✓

Theo

Quase. Mas não se preocupe: estou tomando remédio e seguindo suas dicas.

Que bom! O que está fazendo? ✓

Theo

Conjugando verbos em francês por diversão. 😊
Rsrs. E você?

Rsrs. Estou lendo um dos livros que peguei com a Jade. 😊 ✓

Theo

Qual?

“Só Para Jovens”, de Ellen G. White. É muito interessante! É como se a autora soubesse exatamente o que eu preciso ler! ✓

Theo

Pois é! Ela pode ter vivido há cem anos, mas Deus a inspirou a escrever coisas que ainda valem nos dias de hoje.

Faltam 32 páginas para eu acabar de ler, mas já percebi muitas coisas que preciso mudar. ✓

Theo

Tipo o quê?

Tipo as músicas que ouço e os livros que leio. Ok, na verdade não são tantos livros, pois não curto muito ler. E, bem... alguns “pensamentos” que tenho a respeito de Deus. ✓

Theo

Pensamentos? Não entendi... 😞

Fui criada num lar em que o cristianismo não entra. Meu pai odeia que mencionem o nome Deus, e minha mãe não se importa com isso. Desde pequena fui ensinada que Deus permitiu que a maldade se estabelecesse na Terra porque Ele não se importa com Seus filhos. E, apesar de agora saber que isso não é verdade, não é fácil mudar a educação de quase 14 anos em pouco tempo. Tento espantar esses pensamentos ao máximo, mas às vezes eles ainda vêm. Espero poder reverter essa situação o quanto antes... Não quero pensar mentiras a respeito de Deus. ✓✓

Theo

Ei, tenho certeza de que vai conseguir! Confie em Deus. Peça que Ele ajude você com isso. Sei que Ele ficará feliz em tirar esses pensamentos de sua cabeça!

Sorriso. Às vezes acho que Theo confia demais em mim. Bem, agora percebo que ele deve confiar mais em Deus do que em mim.

Theo

Mudando de assunto, A.G. me contou que você e seu irmão foram ao asilo com ela.

Fomos sim, e você não vai acreditar no que aconteceu por causa dessa visita! ✓✓

Theo

O quê? Fiquei curioso.

Conto a ele o que aconteceu poucos instantes atrás com Marco. Depois de algum tempo, Theo responde:

Theo

Isso é ótimo, Vi! Agora seu irmão também quer crer em Jesus! Espere só até Jade vê-lo no estudo bíblico de hoje!

Ela vai dar uma festa. 😊 ✓✓

Theo

Verdade! 😄

Theo, não conte nada pra Jade, ok? Quero fazer uma "surpresa". ✓✓

Theo

Então também não vou contar nada à Ana Gabi ou ao Max. Vamos dar um "susto" neles. 😄

Boa ideia! ✓✓

Ficamos conversando por mais alguns minutos, até Theo precisar sair para resolver algo.

Vou até a cozinha, no andar de baixo, pegar uma barrinha de cereal. Ouço novamente o toque de notificações do celular, no balcão, ao dar a primeira mordida.

Mensagem do meu pai.

Pai

Oi, querida! Tudo bem?

É impossível conter o sorriso que cresce em meus lábios ao ver a mensagem do meu pai. Não demoro a responder, mesmo mastigando a barra de cereal:

Oi, pai! Tudo sim, e com o senhor? ✓✓

Pai

Estou com a agenda um pouco cheia esta semana, mas estou bem. Sua mãe está em casa?

Ela chegou muito cansada, então tive que forçá-la a dormir. Não foi tão difícil; Marco me ajudou antes de ir ao mercado. ✓✓

Pai

Alguma novidade para me contar?

Comecei a ir ao Clube de Desbravadores, com Emily e Bruno. A.G., Max e Theo também fazem parte dele. ✓✓

Pai

O que é isso?

Explico a ele o que são os Desbravadores, e a resposta dele me surpreende:

Pai

Isso é muito legal, filha! Qualquer dia vou querer ver o que vocês fazem lá.

Engasgo ao ler a mensagem. Tusso algumas vezes por causa do pedaço da barrinha que entalou em minha garganta.

Pai... O senhor está se sentindo bem? Tem certeza de que não está com febre ou algo assim? ✓✓

Pai

Rsrs. Não, Vi. Estou completamente bem, não se preocupe.

Sua resposta não me convence totalmente, mas acho melhor não insistir muito no assunto.

Ok, então. ✓✓

Pai

Queria perguntar o que você vai querer de aniversário. Falta menos de um mês para você fazer 14 anos, não é mesmo?

O que eu quero de aniversário... O que eu quero... de aniversário... Após pensar por alguns instantes, tenho a ideia perfeita:

Posso falar 3 desejos? ✓✓

Pai

Como assim?

3 desejos, tipo o gênio da lâmpada, sabe? Não se preocupe. As coisas que vou pedir são possíveis e simples. Nada de extraordinário. ✓✓

Pai

Ok, pode falar.

Respiro fundo e digito o primeiro desejo:

1. Quero que o senhor prometa que vai cumprir todos os 3 pedidos. ✓✓

Pai

Eu, Denis Oliveira, prometo que não vou deixar de atender a nenhum dos três desejos de minha amada filha mais nova, Violeta Oliveira.

Ele deve estar achando que vou pedir coisas parecidas com as que peço todos os anos, como algum acessório para meus instrumentos ou um livro sobre medicina. Sorrio, pois sei que ele está bem enganado. "Agora já era, pai", penso, "não tem mais volta."

2. Quero uma assinatura da Lição da Escola Sabatina. ✓✓

Pai

Vou ver o que posso fazer quanto a isso. E o último desejo?

Digito rapidamente na tela do celular, mas depois paro. Respiro fundo, criando coragem para apertar o botão de "enviar". Meu dedo paira sobre ele; tenho medo de meu pai ficar bravo comigo, como da última vez, ou que ele não aceite. Mas... Acho que não custa tentar, certo? "Ok, Violeta... Você consegue... três... dois... um... agora!"

3. Quero que o senhor vá um sábado à igreja comigo. ✓✓

Agora não há como voltar. O sentimento de arrependimento bate à minha porta, mas não o deixo entrar. Estou disposta a enfrentar a ira de meu pai. Ao menos tentei, fiz o que pude.

A resposta demora a chegar, e vem exatamente quando estava quase desistindo de insistir. Mas não posso dizer que ela reanimou minhas esperanças.

Pai

Tenho uma reunião importante agora. Não posso me atrasar. Depois dou sua resposta. Tchau, filha.

Tchau, pai. ✓✓

Levo à boca o último pedaço da barrinha.

Apesar de ele ter prometido que iria cumprir meus desejos, não acho que ele vá realmente à igreja. Será que exagerei?

Ouçó os passos lentos de minha mãe descendo as escadas. Ela entra na cozinha sonolenta e bocejando, ainda com seu pijama de bolinhas. Ela sorri ao me ver.

- Boa tarde, Bela Adormecida - brinco; são três e meia da tarde. - Dormiu bem?

Ela faz uma careta para mim, rindo, e diz:

- Dormi bem, sim. Graças a você e a Marco. Eu precisava de um descanso.

tocou nele. Cheguei a me perguntar várias vezes se era a comida do jantar que tinha surtido esse efeito neles.

Depois do culto, meus pais conversam com Jade e André, Marco com Joyce e outro garoto da idade deles. Aproveito a oportunidade para entregar as ervas que minha mãe separou para Theo fazer o remédio que ela lhe ensinou depois que ele consultou um médico para resolver suas dores de cabeça.

- Theo! - chamo, aproximando-me.

Ele me vê e anda em minha direção.

- Oi, Vi. O que foi? - ele pergunta.

Tiro os frascos da bolsa e estendo-os para ele.

- Você disse que as ervas que lhe dei estavam acabando, então trouxe mais um pouco.

Ele olha os frascos em minhas mãos e diz:

- Mas minhas dores de cabeça estão parando. Não precisa disso, Vi. Estou bem. Obrigado.

Olho-o nos olhos. Eu gosto da combinação de cores dos dele.

- Creio que suas dores de cabeça estejam diminuindo, mas ainda não pararam.

Ele abaixa a cabeça e morde o lábio inferior.

- Theo... - ele olha para mim, mas sem me encarar. - Não fico incomodada de trazer isso para você. Pelo contrário, eu gosto. Não é todo dia que encontro alguém para ajudar com plantas medicinais. E quero que você fique melhor. Por favor, não tente fingir que está bem quando não está. Isso só piora a situação.

Ele volta a me olhar e acaba pegando os frascos.

- Da próxima vez - digo - não tente me impedir de ajudar você. Entendeu?

Ele sorri, assim como eu.

- Já tentei algumas vezes - diz. - Uma próxima provavelmente teria o mesmo final. Você é perceptiva demais; não dá para escapar.

Rimos um pouco. Minha mãe me chama para ir embora e, após me despedir de Theo, vou ao encontro dela.

Surpresa!

capítulo 19

Depois do culto, durante o almoço, meu pai diz que vai fazer uma assinatura da Lição da Escola Sabatina para mim. É o *segundo desejo*. Marco disse que gostaria de continuar indo à igreja, o que me deixou muito feliz.

Minha mãe comentou que achava boa a ideia de ter um dia fixo de descanso, o que me deixou contente. E o "vou pensar" de meu pai respondendo à sugestão de minha mãe de ir uma segunda vez à igreja aumentou ainda mais meu sorriso.

Espero que eles aceitem Jesus. Se isso acontecer, a vida de nós quatro irá mudar. Para *melhor!*

• • • • •

Atendo o celular ao ouvir o toque de chamada:

- Alô?

- Alô, Violeta? - diz uma voz que reconheço no mesmo instante.

- Oi, Max! Tudo bem?

- Tudo, Vi. E você?

- Superbem! - digo, afinal hoje é um dia especial para mim.

- Liguei porque acabou a bateria do celular da A.G. Eu, ela e o Theo estamos aqui no parque. Quer vir para cá?

- Espere um pouco. Tenho que falar com minha mãe. Mando uma mensagem com a resposta, ok?

- Tudo bem, então. Tchau!

- Tchau! - encerro a chamada.

Eu estava no jardim, cochilando na grama; então, corro para casa e vou até o quarto de minha mãe. Encontro-a deitada, lendo um livro.

- O que houve, filha? - ela pergunta, colocando um marca-páginas no livro e fechando-o; com certeza, ela me ouviu subindo as escadas.

- Max me ligou perguntando se quero ir ao parque com ele, Ana e Theo. Posso?

Ela abre um sorriso e fala:

- É claro. Por que não os chama para vir aqui hoje à noite?

Sorrio e concordo com um movimento de cabeça. Mando a mensagem para Max imediatamente. Troco de roupa, despeço-me de minha mãe e de Marco, que está no quarto mergulhado nos estudos, de novo, e caminho até o parque.

Ao chegar, encontro os três sentados nas grossas e saltadas raízes do velho e grande carvalho que fica no meio do parque. Max é o primeiro que me vê e acena para que eu me aproxime.

- Finalmente você chegou! - diz Ana Gabi.

Os coloridos olhos de Theo encontram os meus, e ele sorri. Sorrio de volta, pensando: *"Ao menos você seguiu meu conselho, já que está com uma expressão melhor hoje."*

Conversamos sentados nas raízes, até que Theo se levanta e vai para trás do carvalho. Ele não demora a voltar, segurando algo que não consigo ver, pois Max cobre meus olhos com as mãos.

Consigo ouvir as risadas agudas de Ana Gabi enquanto tento por alguns segundos, e sem sucesso, livrar-me das grandes mãos que não me deixam enxergar. Max, Theo e eu também rimos, até que paro de tentar me soltar e pergunto:

- Tudo bem... O que significa isso?

Max solta uma curta risada, e A.G. diz:

- Primeiramente, quero deixar bem claro que tudo isso só foi possível graças a nosso querido amigo Max! Foi ele quem teve essa ideia, por mais que possa parecer que tenha sido eu.

"Mas o que é a ideia do Max? Não consigo nem ver!"

- Gabi, gostaria muito de ver a reação de Max ao ouvir você pronunciar palavras tão amáveis para ele - digo, num tom carinhoso. - Mas não consigo, pois meus olhos estão tapados!

Os três riem, e eu acabo rindo também.

- Calma aí, Vi! - ela diz. - Não se preocupe, estou filmando tudo. Mais tarde, você vai poder ver a reação dele.

Alguns segundos depois, Max tira as mãos de meus olhos, e eu consigo enfim, ver a luz do dia novamente.

Então vejo, ali na minha frente, Theo segurando dois embrulhos de presente, um menor que o outro, empilhados.

- Surpresa! - os três gritam. - Feliz aniversário, Vi!

Theo estende os presentes retangulares em minha direção e os coloca em minhas mãos.

- Para você - ele diz. - Meus parabéns!

Meus amigos começam a bater palmas e cantar "Parabéns Pra Você", enquanto fico sorrindo, muito feliz com a surpresa.

- Como vocês descobriram que hoje é meu aniversário?! - pergunto, ao fim da canção.

- Na competição das carteirinhas de estudante - diz Theo -, Max viu a data de seu nascimento e teve a ideia de fazer algo para comemorar com você.

- Juntamos nossas economias e compramos estes presentes - fala Ana Gabi, com a filmadora do seu inseparável celular ligada. - O menor foi ideia de nós três, e o maior foi sugestão do Theo.

- A ideia do local e de como fazer isso foi sua, Ana. Não dê crédito só para a gente - diz ele.

- Que tal você abrir os presentes, Vi? - sugere Max.

Decido começar pelo menor. Abro o embrulho com cuidado, e meu queixo cai ao ver o que há por trás do fino papel de presente: um livro grosso, branco, com arabescos em tons de roxo enfeitando a capa. No centro, em prata, estão grafadas as palavras "Bíblia Sagrada".

- Tem uma dedicatória - diz Max.

Na primeira página, em uma bonita letra com caneta roxa, está escrita a dedicatória:

Violeta,

O presente que colocamos em suas mãos tem a aparência e o formato de um simples livro. Mas, na verdade, estamos lhe entregando algo que lhe trará momentos únicos de paz, conforto, esperança, alegria, entendimento, transformação e salvação.

Esperamos que, em cada leitura destas páginas, você tenha um verdadeiro encontro com Jesus.

Esperamos também que o resultado desses encontros seja uma vida eterna muito feliz ao lado de Cristo.

Temos certeza de que você, Violeta Oliveira, irá vivenciar incríveis e maravilhosas experiências ao lado do Salvador.

Com carinho,

Seus amigos

Ana Gabriela, Theo e Max

Ao terminar de ler, olho para meus três amigos, com um sorriso no rosto. Abro a boca para falar, mas Theo fala primeiro:

- Abra o outro, depois fale.

Seguro o presente retangular e começo a abri-lo cuidadosamente. Vejo o que é: um livro! Sua capa é preta e lisa, e é um pouco maior que minha nova Bíblia. No centro da capa, em letras douradas, leio as palavras "Hinário Adventista". É um livro com letras de músicas cristãs e - olha só! - partituras!

Uma lembrança invade minha mente: Elaray tocando violino, com um suporte segurando um livro preto exatamente igual ao que seguro agora. Era um Hinário Adventista.

Lágrimas ameaçam sair quando abro no hino "Castelo Forte", de Martinho Lutero. Uma vez Elaray fez uma pesquisa sobre essa música e também sobre seu compositor, e me contou as coisas que aprendeu. Lutero nasceu em 1483 e morreu em 1546, dedicou-se à vida monástica e ao estudo das Escrituras Sagradas, ou seja, a Bíblia. Quando foi para Roma, descobriu várias coisas erradas que o clero fazia e criou as 95 teses, que

criticavam o comportamento da igreja na Idade Média. Por ser alvo de perseguições e muitas críticas, seus amigos o levaram para o castelo de Wartburg, onde ficou refugiado por algum tempo. Foi nesse castelo que ele escreveu "Castelo Forte", o hino favorito de minha amiga.

Volto a olhar meus amigos, que parecem esperar que eu fale algo, mas não sei o que posso falar.

- Obrigada, gente. Muito obrigada. De verdade - digo. - Sério... Eu não sei o que dizer.

- Então não diga nada! - diz Ana Gabi, abrindo os braços. - Venha cá, amiga! Dá um abraço!

Então, nós quatro nos juntamos em um carinhoso abraço coletivo.

- Ah, quase me esqueci! - digo, ao nos distanciarmos. - Minha mãe está preparando uma pequena comemoração hoje à noite. Por que vocês não vão lá em casa?

Eles sorriem e se olham por alguns segundos, naquela espécie de "comunicação com olhares", que estou começando a entender.

- Tudo bem! - diz Ana Gabi. - Nós vamos!

Max pega o celular e começa a digitar algo.

- O que você está fazendo, Max? - pergunta Theo.

- Avisando o pessoal do time que não vou ao treino de hoje - ele responde; então olha para mim. - Não tente me impedir, ouviu?

Solto uma risada. Tinha me esquecido que Max faz parte do time de basquete da cidade, e que ele treina toda semana com os outros participantes e em casa também. Theo e Ana me levaram uma vez para assistir ao treino e, admito: *ele é muito bom!* Chega a ser um pouco difícil acreditar que o garoto de óculos que está sempre com um livro enfiado na cara seja um ótimo jogador de basquete.

- Pronto! - ele diz, após alguns segundos.

- Será que não há problema em você faltar, Max? - pergunto. Ele dá de ombros.

- Eles conseguem se virar sem mim. É só um treino, e a próxima competição ainda vai demorar.

Passo os detalhes do endereço e horário a eles. Conversamos até minha mãe me ligar pedindo ajuda com os preparativos. Despeço-me e volto para casa, apertando meus presentes contra o peito, radiantemente.

À noite, a comemoração não é nada de muito extraordinária: um bolo não muito decorado, salgados e suco. Tudo feito com simplicidade, mas a presença de meus amigos - Emily e Bruno também vieram - e minha família torna tudo muito especial.

Para ficar melhor, bem... só com a presença de Elaray, mas, como sei que isso será impossível, contento-me com o possível.

A morte

capítulo 20

- **D**esculpe o atraso - digo, ao entrar na sala de Jade, acompanhada por meu irmão. - Marco teve que sair e acabou voltando mais tarde.

- Sem problemas - diz Max.

Sento-me no sofá ao lado dele, e Marco se senta ao lado de Theo e Jade. Ana Gabi está sentada no chão aos pés de Theo, aparentemente confortável.

- Acho que poderíamos falar sobre algo diferente hoje - diz Jade, pensativa.

- Como assim? - pergunta Theo.

A anfitriã suspira:

- Que tal falarmos sobre o que acontece quando a pessoa morre? Acho que Violeta e Marco sabem bem pouco sobre isso. E nas atuais circunstâncias... - acho que se refere ao "estado atual" da filha. - Bem, penso que deveriam saber... é... o que se passa com Elaray agora.

- Ah! - diz Ana. - Entendi! Gostei da ideia, Jade.

- Acho que podemos sair um pouco da rotina de seguir as histórias por sequência - diz Max. - Certo, Theo?

- *Vamos a hacer esto* - ele fala com um sotaque engraçado.

Todos olhamos para ele, sem entender. "*O que ele disse?!*"

- Hã?! - perguntamos em uníssono.

Ele coça a nuca e sorri, um pouco sem graça.

- Desculpe - diz. - Estava recapitulando meu espanhol antes de vir para cá. Acabou saindo no idioma errado. Eu disse "Vamos fazer isso".

Nenhum de nós consegue segurar a risada, nem mesmo Theo.

Depois que Jade ora, começamos a estudar sobre a morte. Sinto que todos nós estamos tensos com o assunto, mas Jade parece tranquila. Desde já sinto um nó na garganta; é um assunto complicado, sei disso. Mas sei também que preciso saber onde Elaray está agora. Se ela está no Céu, numa outra vida, em outro mundo, se virou uma alma que zanza por aí, ou se apenas está morta, num caixão embaixo da terra, sem mais nem menos.

- Gênesis 2:17 - fala Max. - É quando a morte é citada pela primeira vez na Bíblia.



mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás. Gn 2:17



- A história da Criação! - exclamo.
- Isso mesmo, Violeta - diz Jade, sorrindo levemente. - Adão e Eva não conheciam a morte. Não eram capazes de imaginar como era deixar de respirar ou de viver.
- Já nós temos uma noção de como funciona esse negócio de parar de respirar - fala Ana. - Eles não tinham ideia de como era deixar de existir. Nós sabemos várias coisas sobre o que acontece com a pessoa e com seu corpo quando ela morre. Essa é a diferença, acho.
- Faz sentido - conclui Marco.
- Ok - Theo diz. - A morte surgiu como uma consequência. Não é como um castigo, mas sim como o resultado de uma escolha. Mas qual?
- A de comer o fruto proibido? - arrisca meu irmão.
- Sim - fala o garoto.
- E como Adão e Eva comeram, a morte veio como consequência - falo. - É como se eles tivessem "se entupido" de chocolate, mesmo sabendo que teriam dor de barriga depois.

- Boa comparação - diz ele. - Mas agora estou com vontade de comer chocolate.

A.G. cruza os braços, faz careta e fala, brincando:

- É, Violeta! Muito obrigada!

Dou risada de sua falsa expressão de raiva e do modo como ela tenta segurar o sorriso que insiste em aparecer.

- Continuando - Max também tenta não rir -, Ezequiel 18:4.



Eis que todas as almas são Minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é Minha; a alma que pecar, essa morrerá. Ez 18:4



Leio o verso em voz alta, mas admito que não entendo o que está escrito.

- Pensei que almas não existissem - falo, intrigada.

- Não da maneira como a maioria entende - diz Jade. - A "alma" não é o espírito de algum morto que perambula por aí sem ter o que fazer. Não é um fantasma; esse tipo de coisa não existe.

- Então o que é a alma? - Marco parece curioso ao perguntar.

- Na Bíblia, os autores usam a palavra "alma" para se referir a uma pessoa; um indivíduo. Então, quando Deus diz que todas as almas são Dele, quer dizer que todas as pessoas pertencem a Ele.

- Também está escrito que a pessoa que pecar morrerá - digo. - Não entendi essa parte. Significa que, se pecarmos, morreremos na mesma hora?

Theo e Max acham graça em minha pergunta.

- Não - Max ajeita os óculos retangulares. - A morte citada aqui é uma consequência. Se pecarmos, morreremos. É como no Éden.

- Mas essa não é a explicação completa... - diz Jade.

- Calma, eu ainda não terminei de falar.

Ele volta a explicar:

- Nesse texto, Deus não quis dizer que morreremos se O desobedecermos. Bem, não dessa forma. Quer dizer... Áhn... Uma forcinha, Theo?

- Ele "se embolou"! - ri Ana Gabi. - Isso é novidade!

Ele revira os olhos, sorrindo, enquanto Theo assume o controle da explicação.

- O que o Max estava querendo explicar é que a morte descrita no texto vai acontecer quando Jesus voltar. Os salvos irão para o Céu e os ímpios morrerão, pois o pecado será destruído. E, como os ímpios não se arrependeram verdadeiramente de seus pecados, morrerão. É a essa morte, no fim dos tempos, que a passagem de Ezequiel se refere. Conseguiram entender?

Marco e eu concordamos com a cabeça.

- Ok - diz Ana. - Theo, já que você explicou tão bem, acho que não se importa de continuar.

- Só por causa disso vai ser você quem vai falar agora - diz Jade, sorrindo.

A garota abre um sorriso amarelo e ajeita a blusa preta que está usando.

- Ah, está bem! - diz. - Já sabemos como a morte surgiu. E que ela é consequência do pecado. Agora...

- Só uma observação - interrompe Max. - Alguns pensam que foi Deus quem criou a morte.

Penso em meu pai. Sempre que alguém morre, ele diz que Deus é o culpado. Ele agiu assim quando Ely se foi, o que me fez ficar com um pouco de raiva do Criador ao ouvir meu pai. Mas então me lembrei de tudo o que Ely me contava sobre Deus, e esse sentimento foi embora em instantes. Agora, com tudo o que sei sobre Ele, tenho certeza de que meu pai está errado.

- Os que acreditam nisso estão enganados - digo, antes de Ana retomar a fala. - O ser humano pecou, mesmo sabendo das consequências. No caso, uma delas era a morte. A morte é resultado do pecado, que surgiu quando Lúcifer se rebelou contra Deus.

- Exato! - A.G. fala, estalando os dedos animadamente por eu ter chegado a essa conclusão. - O pecado afastou o ser humano de Deus; foi isso o que originou a morte. Portanto, Deus não criou a morte.

"Meu pai precisa saber disso!", penso.

- Mas o que acontece depois da morte? - Marco faz, então, a pergunta de um milhão de dólares.

- É o que veremos agora - diz Jade. - Marco, poderia ler para nós Eclesiastes 9:5?

Ele diz que sim, e lê, apesar de demorar um pouco para achar o pequeno livro escondido entre Provérbios e Cântico dos Cânticos, que também é curtinho.



Porque os vivos sabem que hão de morrer,
mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco
terão eles recompensa, porque a sua memória jaz
no esquecimento. Ec 9:5



- Jade... - começo - então os mortos não sabem de nada?

- Isso mesmo.

- Ah, já sei! - exclama Ana Gabi, balançando as mãos. - Vocês se lembram da história da filha de Jairo?

- Sim, já ouvi algo - Marco diz. - Jesus foi até a casa de Jairo para ressuscitar a filha dele, que tinha morrido.

Essa é uma história bem bonita. Gosto dela.

- E Jesus fez isso - completo - quando a menina tinha... onze? Não. Doze anos de idade. Certo?

- Sim, Vi - diz Theo. - Acho que sei onde Ana quer chegar: Marcos 5:39.

Ele lê o verso.



Ao entrar, lhes disse:
Por que estais em alvoroço e chorais?
A criança não está morta, mas dorme.

Mc 5:39



- Jesus entrou na casa e viu várias pessoas chorando e sofrendo - explica Max. - Então disse as palavras registradas nesse verso. E, bem... riram Dele.

- Mas então Jesus ressuscitou a garota e todos ficaram de queixo caído - diz Ana.

Meu olhar encontra o de Jade, e sei que estamos pensando na mesma coisa: o dia do velório de Elaray.

"Ely não está no Céu. Ela está dormindo", ela disse naquela ocasião. *"Para nós, cristãos, a morte é como um sono; e vamos despertar dele quando Cristo voltar. Isso me acalma, porque apesar de sofrer por não poder mais vê-la na Terra, sei que vou vê-la novamente no Céu, quando Jesus vier nos buscar."*

Resgatar essa lembrança faz meus olhos se encherem das lágrimas que estava mantendo guardadas em mim até agora. Naquele dia, vi minha melhor amiga, minha "irmã", em um caixão, cheia de hematomas e curativos causados pelo acidente. Nunca a tinha visto tão pálida... tão machucada, tão... sem vida.

Bem, ela claramente estava... morta.

Theo interrompe meus pensamentos ao dizer:

- Violeta, você está bem? - ele parece realmente preocupado.

- Suas mãos estão tremendo.

"Estão?" Olho para elas. Sequer reparei no modo como elas tremiam em meu colo.

- Podemos parar por aqui, se preferir.

Respiro fundo e faço o possível para me acalmar.

- Não - respondo, mas minha voz não tem a mesma força de antes. - Vamos continuar. Eu só... lembrei dela no...

- Velório - Jade completa a frase quando minha voz falha.

Todos na sala encaram o chão. Pelo canto do olho, vejo as mãos de Theo começarem a tremer, e ele as pressiona contra a lateral dos jeans para disfarçar.

Não consigo imaginar o que se passa na mente dele agora. Vi Elaray num caixão, já sem vida e com curativos. Mas ele a viu no acidente... Estava ao seu lado, ouviu sua última oração. Ele a viu sem os curativos, com os machucados descobertos. Theo viu quando sua amiga de infância deu o último suspiro.

Creio que não é possível se esquecer de cenas desse tipo tão rápido.

- Continuando... - ele diz num tom mais baixo, erguendo lentamente o rosto. - A morte é um estado de inconsciência. É o oposto da vida. Vamos ler...

- Jó 14:11 e 12? - arrisca Max.

- Sim, isso.

Aos poucos, a atmosfera de tensão se desfaz, mas noto que Theo parece um pouco atordoado com as lembranças.



Como as águas do lago se evaporam,
e o rio se esgota e seca, assim o homem se deita
e não se levanta; enquanto existirem os céus,
não acordará, nem será despertado do seu sono.

Jo 14:11 e 12



- Aqui está a palavra "sono" - diz Marco. - E novamente lemos na Bíblia que o morto está dormindo. Mas... como assim?

- Espere, e verá - Max fala, colocando um tom de suspense na voz. - Jó 34:14 e 15.



Se Deus pensasse apenas em Si mesmo
e para Si recolhesse o Seu espírito e o Seu sopro,
toda a carne juntamente expiraria, e o homem
voltaria para o pó. Jó 34:14 e 15



Meu cérebro pifou agora.

- Hein? - falo. - Como assim?

- Vocês se esqueceram de Gênesis 2:7 - Ana Gabi revira os olhos, rindo descontraidamente. - Por isso o cérebro da Vi virou geleia.

- Ah, é! Desculpe - diz Max, enquanto Theo coça a nuca com um sorriso torto.



Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente. Gn 2:7



- Eu me lembro dessa história - digo. - Deus criou Adão do pó da terra e soprou nele o fôlego de vida. E foi assim que o ser humano passou a existir.

- Exato - diz Theo. - Mas você se esqueceu da água que molhou o pó.

- Ah é...

- Você quer dizer a *saliva de Deus* que molhou o pó, não é? - pergunta Marco.

- Verso 6 - diz Max. Em seguida, ele lê:



Mas uma neblina subia da terra e regava toda a superfície do solo. Gn 2:6



- Ah, então foi uma "neblina" - diz meu irmão.

- Sim - confirma A.G. - Voltemos a Jó. Conseguiu entender agora, Vi?

- Está escrito que, ao morrer, o homem volta ao pó, se entendi corretamente.

- Isso mesmo - diz Jade. - Ao dar seu último suspiro, ocorre o processo inverso ao da criação: o fôlego de vida volta para Deus e o homem se transforma em pó.

- É lógico que não *imediatamente!* - diz Max. - Demora um bom tempo para o homem virar poeira completamente. O processo é demorado, e acontece aos poucos.

- Por causa disso é que tudo o que compõe o corpo humano é encontrado no solo - comenta Theo.

Minha curiosidade é despertada na hora.

- Sério?!

- Sim - ele diz. - Toda a matéria que forma nosso corpo pode ser achada no pó da terra: sais minerais, nutrientes, tudo. Sabia que temos *cobre* no corpo?

- Numa porcentagem bem pequena, na verdade - completo, e eles se surpreendem um pouco. - Gosto de medicina e tenho um livro sobre o corpo humano. Mas nunca tinha parado para pensar no que você falou, Theo.

Ele abre um sorriso.

- Digamos que você não é a única que lê sobre medicina. Minha mãe é médica, então leio alguma coisa a respeito às vezes.

Depois da morte

capítulo 21

As novas informações flutuam em minha mente, enquanto termino de assimilá-las. Percebo quão errada eu estava ao pensar que Ely já estava no Céu.

- Se é isso o que está na Bíblia, por que a crença no Céu e no inferno? - a pergunta salta de minha boca.

Jade sorri diante de minha pergunta. Ela está sempre nos incentivando a fazer perguntas, e temos muitas delas.

- Não sei ao certo - diz Ana Gabi. - Talvez seja uma interpretação errada das Escrituras; ou alguém inventou essa história para tentar aliviar a dor de perder alguém.

- Acho a primeira opção mais provável - comenta Max.

- Deus seria cruel se essa história fosse verdade - ouvimos uma voz baixa dizer.

Todos nos viramos para Theo, e percebo que ele tenta esconder sua dor de cabeça. Mas ele não consegue escondê-la de mim.

- Imaginem - ele continua - se Elaray pudesse nos ver do Céu. Se ela pudesse assistir ao próprio enterro, veria que muitos estariam chorando de tristeza enquanto ela estaria em um lugar perfeito, onde a dor não existe.

Ele volta a apertar a lateral dos jeans surrados.

- Acho que ela se rebelaria contra Deus por estar descansando enquanto seus amigos e familiares estariam aqui, sofrendo - fala A.G., olhando os próprios pés.

Penso no curto período de tempo em que acreditei nessa mentira. Theo e Ana têm razão: Ely ficaria muito brava.

Ela não era de ficar nervosa, mas às vezes, quando tinha razão, assemelhava-se a uma mistura de advogada e guerreira

espartana. Chegava a ser surpreendente. O mais incrível era sua capacidade de controlar o nervosismo, sem demonstrar um mínimo de agressividade. Penso que ela ficaria aborrecida por ver sofrendo quem ela ama.

Algo surge em minha mente, e baixo os olhos ao me lembrar do que fiz logo quando ela morreu.

- Eu me proibi de chorar - falo.

Todos os olhares se voltam para mim. Observo o rosto confuso de todos antes de dizer:

- Quando André falou sobre o acidente com minha mãe, e ela me contou, disse que eu não precisava sofrer, porque Elaray estava num lugar melhor - sinto o nó em minha garganta apertar. - Tinha chegado à conclusão de que ela podia ver como eu sofria. Estava determinada a não demonstrar minha dor para que ela não se preocupasse comigo.

Faço uma pausa para tentar me recompor. Sem muito sucesso.

- Queria mostrar que estava bem sem ela, que era capaz de seguir em frente, que não choraria ou sofreria por ela estar em um lugar muito melhor que a Terra - abro um fraco sorriso. - Foi Jade quem me disse que não havia nada de errado em se permitir sofrer, que Ely estava "dormindo". Mesmo que não tenha me explicado com todos os detalhes, foi o suficiente para que eu começasse a entender a verdade sobre a morte - olho para Jade, que está com os olhos repletos de lágrimas que ela não deixa escapar. - Obrigada. Não sei o que aconteceria comigo se continuasse a proibir e reprovar meu sofrimento.

Ela se levanta, anda até onde estou e, puxando-me pela mão, abraça-me.

- Era o mínimo que eu podia fazer por alguém tão especial para mim - ela sussurra ao meu ouvido, enquanto acaricia meu cabelo. Abraço-a de volta.

É Jade quem cuida de mim quando minha mãe está fora. É ela quem me aconselha, que me ajuda a cuidar de minha vida espiritual; e sou muito grata por essas coisas. Jade também me ajuda a suportar a dor de perder Ely.

- Na verdade - ela diz, olhando para mim, meus amigos e meu irmão - considero todos vocês meus filhos. Sei que parece

esquisito... - sua voz embarga - mas às vezes penso que... perdi uma filha para ganhar cinco.

Theo é o primeiro que se levanta para se unir ao nosso abraço. Ana Gabriela vem segurando as lágrimas, Max caminha com um sorriso triste. Marco se aproxima lentamente, por último.

Pelo que sei, meus três novos amigos, apesar de fazerem parte da mesma igreja e serem amigos de Ely, nunca foram muito próximos à Jade. Não como atualmente. E eu também estou muito mais próxima dela agora do que antes.

Chega a ser espantoso como o falecimento de uma pessoa pode aproximar outras.

Mesmo que nunca tenha desejado a morte de Elaray ou mesmo ter ficado minimamente alegre quando isso aconteceu, sou muito grata por ter conhecido seus amigos e ter me aproximado de Jade.

Agora sei com certeza onde Ely está, e sinto-me mais calma por dentro. Ela não está reencarnada em outra pessoa. Sua alma não está perambulando por aí. Ela também não está em outro mundo, no Céu ou no inferno, olhando para mim.

Elaray Clark está em uma sepultura, dormindo; esperando em silêncio Jesus vir buscá-la para levá-la para o verdadeiro Céu, onde mais nenhum acidente vai atormentá-la, e ela não vai sequer pensar na morte, nunca mais.

Quero ir para esse lugar maravilhoso e especial com ela! Decido me preparar a cada dia para estar alegre quando Cristo ressurgir nas nuvens, em glória. Quero sorrir quando vê-Lo voltar, e Ely vir ao meu encontro nesse lugar que anseio chamar de "meu novo lar celestial".

Usando o hinário

capítulo 22

Chego cansada da arrecadação de alimentos, mas com um grande sorriso. Tomo um banho, como uma das minhas baratinhas de cereais favoritas e decido tocar um pouco de piano.

O instrumento que meus pais compraram para mim um tempo atrás é preto, bonito e fica na sala. Pego meu novo hinário e desço as escadas, rumo à sala de estar.

Ontem à tarde, folheei o livro à procura de hinos que gostaria de tocar e anotei os números de cada um deles em um pedaço de papel. Confesso que foram... bem... muitos.

Começo tocando o primeiro hino do hinário: "Ó Deus de Amor". Ele não é difícil de tocar, então logo começo a acrescentar mais notas na partitura, tornando-a mais complexa, mas sem perder a melodia original. Faço o mesmo com os próximos hinos, incluindo "Castelo Forte". Toco piano constantemente, por isso sou bem familiarizada com as partituras e acostumada a acrescentar mais notas a elas.

Reconheço algumas das músicas porque Elaray tinha o hábito de cantar ou murmurar a letra ou a melodia de várias delas. Ou então tocava-as em seu violino. Quando conhecia a história de alguma, contava-me, mas me esqueci da maioria.

Estou tão concentrada na música que nem noto quando minha mãe acorda e se aproxima para me ouvir.

- Estava sentindo falta de ouvir você tocar - ela diz.

Sem parar de tocar, abro um sorriso. Geralmente, quando toco, minha mãe está fora de casa.

- Como foi na arrecadação de alimentos?

- Sinceramente, não imaginei que conseguiríamos ajuntar tanta comida doada por pessoas de um bairro só! Cansou um

- Violeta, eu e sua mãe temos algo para contar a você e Marco.

Eu e meu irmão nos entreolhamos, no banco de trás do carro. Numa espécie de comunicação com olhares, consigo entender que nenhum de nós dois faz a mínima ideia do que seja.

- O que é, pai? - pergunto.

Ele e minha mãe olham um para o outro por um momento. Meu pai respira fundo e diz, com a voz transbordando felicidade:

- Nós dois decidimos fazer um estudo bíblico!

Por alguns segundos, não consigo acreditar nas palavras dele. Quando percebo que isso não é uma pegadinha, olho para Marco, sorrindo alegremente. Ele sorri da mesma forma e me olha. "Obrigada, Deus! Muito obrigada!" Essa é a frase que ocupa minha mente.

Sério, se não estivéssemos em um carro, eu pularia e correria de felicidade!

Penso que só há uma forma de me expressar em voz alta. Por isso, falo, sem temer:

- Louvado seja Deus!

O grande dia

capítulo 25

Aperto firmemente as mãos na tentativa de fazê-las parar de tremer. Preciso admitir que meus esforços são *totalmente* em vão. Para falar a verdade, sinto que meu corpo todo está tremendo por causa da emoção que preenche cada milímetro do meu ser hoje.

A beca azul que eu e Marco estamos usando é um pouco grande para mim, de modo que o tecido se acumula em meus pés descalços sobre o chão gelado.

- Pronto, irmãzinha? - diz meu irmão, já no tanque batismal, estendendo a mão para me dar apoio.

Segurando uma parte da comprida beca com uma das mãos e dando a outra para Marco, desço, degrau por degrau, a pequena escada que leva ao fundo do tanque, onde meu irmão mais velho e o Pr. George estão.

Sinto a água na altura do meu peito. O frio imediatamente me atinge, misturando-se com a felicidade e a ansiedade que me preenchem.

Penso que hoje é o dia mais emocionante de toda a minha vida, até agora. Elaray com certeza ficaria imensamente feliz. Pensar nisso faz meus olhos se encherem de lágrimas, pois tudo isso foi por causa dela; por causa do seu *último objetivo*. E Ely não está aqui.

Mesmo assim, tenho esperança de reencontrá-la no Céu. Tenho esperança de olhar para ela e dizer: "Surpresa!" Apesar de que suspeito que não será uma surpresa para ela, já que Ely lutou por mim até seu último momento de vida - literalmente. Ela confiava muito em Deus para não acreditar que Ele atenderia

sua oração e a ajudaria a cumprir o último objetivo, mesmo que não fosse viver para ver os resultados na Terra.

O Pr. George segura delicadamente minha mão e, voltando-se para a congregação, diz:

- Tive oportunidade de conhecer melhor esta moça, Violeta Oliveira, não faz muito tempo, mas ela já está frequentando nossa igreja há aproximadamente um ano. Como alguns de vocês sabem, ela era a melhor amiga de nossa querida Elaray, que infelizmente faleceu no ano passado. Quando ela estava quase parando de respirar, orou para que Deus fizesse com que Violeta O conhecesse e provasse de Seu amor sem fim. Após o acidente, Jade, a mãe de Ely, ouviu a voz do Senhor dizendo que ela deveria entregar à Violeta a caixa de pertences secretos da filha.

Olho para Jade, cujos olhos transbordam lágrimas de alegria. Tudo isso só foi possível porque ela escolheu obedecer ao Senhor. Meus pais também estão emocionados, assim como André e Ana Gabriela; até Theo e Max não conseguem esconder a alegria. Os olhos de Sam, Ed, Fani e de quase todos os desbravadores estão marejados, assim como os de mais alguns membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

- Na caixa - continua o pastor - havia uma anotação de Elaray, mais especificamente, um *objetivo*. Pedi à Violeta que não me contasse qual é, pois penso que este pequeno detalhe deve ficar somente entre ela e Deus, como um segredo dos dois. Ely anotava esse objetivo todas as semanas em seu *Caderno de Objetivos Semanais*, porém, ele nunca foi cumprido. E foi essa meta incompleta que Violeta encontrou que deu o pontapé da jornada desta garota com Jesus. Podemos dizer, com certeza, que Deus ouviu e respondeu às orações de Elaray.

- Amém! - ouço todos exclamarem, enquanto começo a chorar de emoção.

Noto que minha mãe e Jade estão de mãos dadas, ambas com o rosto molhado de lágrimas. Ao olhar para meu pai, percebo - mesmo sem meus óculos - que ele tenta segurar a emoção. Todos da minha família e da família de Ely sorriem de maneira linda, em pé, próximos a mim, do lado de fora do tanque batismal.

Emily e Bruno também estão aqui, com sorrisos animados. Demorou um pouco para convencê-los a vir hoje, mas alguns amigos do Clube de Desbravadores me ajudaram, e aqui estão eles.

Meu sorriso cresce e penso: "*Espero que vocês sejam os próximos neste tanque, com meus pais.*"

- Mas Violeta não foi a única a aceitar o Salvador. Seu comportamento mudou e, com isso, ela testemunhou do amor do Senhor para sua família, que está aqui hoje: seus pais, o Sr. Denis e a Sra. Helena, e seu irmão mais velho Marco, que está aqui, com Violeta, sentindo esta água congelante. Não é verdade? - ele se vira para mim e meu irmão, e concordamos com a cabeça, rindo um pouco. - Mas vale a pena, tenho certeza disso!

Marco e eu olhamos um para o outro e admitimos com uma troca de olhares: "*É claro que vale a pena!*"

O pastor segura meu pulso direito, que eu ergo na altura do meu nariz. A emoção em meu peito aumenta a cada segundo, e parece que meu coração vai explodir de tanta alegria. *Finalmente*, chegou o tão esperado dia!

- Violeta Oliveira, como ministro do evangelho, eu a batizo em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. Amém!

Prendo a respiração apertando meu nariz com minha mão direita, enquanto o Pr. George inclina meu corpo para trás e sou coberta pela água. A sensação é incrível e indescritível! Sinto uma felicidade incontrolável que simplesmente não consigo conter, pois não há espaço o suficiente para ela em meu coração!

"*Então é assim que você se sente quando quer pregar do amor de Deus para alguém.*"

Ao emergir, completamente molhada, as lágrimas de emoção se misturam com a água que escorre por meu rosto encharcado. Sinto-me renovada, livre, transformada; também, feliz e calma ao mesmo tempo. Sinto frio, mas isso é um detalhe.

Depois de mim, é a vez de Marco. Quando vejo seu corpo reaparecer do meio das águas, abraçamos o Pr. George e um ao outro fortemente. Saímos do tanque após algumas belas palavras dele, ambos sorrindo.

Apresso-me para trocar de roupa. Visto uma blusa de mangas curtas e saia rodada azul-celeste; ajeito uma faixa branca na cabeça, deixando minha curta franja para frente e calço sapatilhas da mesma cor. Seco um pouco mais meu cabelo, coloco os óculos e tento expulsar o nervosismo, mas falho miseravelmente - de novo, para variar.

Ainda tenho que fazer uma coisa.

Três dias atrás, liguei para o pastor e contei-lhe minha ideia. Ele me apoiou totalmente, e sem hesitar por um momento sequer. Ele me ajudou a organizar tudo em segredo; ninguém da igreja, além de nós dois, sabe o que acontecerá a seguir.

Ao sair da pequena sala onde me troquei, vejo Marco em pé do lado de fora, esperando por mim.

- Vá se sentar com nossos pais - peço-lhe. - Preciso resolver uma coisa *muito importante antes. Encontro vocês daqui a pouco.*

- Que tipo de coisa é mais importante do que ficar com a família após ser batizada? - ele pergunta curioso, mas sem parar de sorrir.

Penso num jeito de responder a pergunta sem dar detalhes.

- É complicado falar agora. Depois eu explico, ok? - é o melhor que consigo pensar em circunstâncias como essas.

Ele acaba se conformando e caminha para a igreja.

Vou para um pequeno cômodo ligado ao púlpito. Após algumas palavras do pastor, reconheço o sinal que combinamos anteriormente. Então, com as mãos tremendo, abro a porta e entro, caminhando lentamente.

Avisto o lugar que foi preparado para que eu possa pôr minha ideia em prática e caminho até ele. Não é nada demais, somente um livro de capa preta em um suporte e um simples instrumento em sua capa fechada.

Na capa do livro preto, leem-se as palavras "*Hinário Adventista*" em letras douradas.

Deu um pouco de trabalho trazer tudo isso sem que meus pais, Marco, ou qualquer outro alguém descobrisse, mas consegui.

Olho rapidamente para minha família e amigos, para ver suas reações. Mamãe e Marco parecem já compreender o que farei, e ambos estão quase chorando. Meu pai, Jade e André

parecem intrigados. Papai está com as sobrancelhas franzidas, talvez um pouco apreensivo. Emily e Bruno não entendem nada, assim como a maioria dos outros presentes. Acho que é porque não contei a eles sobre meu trauma.

Olho para Ana Gabi, que está na sonoplastia e logo levanta o celular para filmar. Apesar de animada, também parece confusa. Já Max parece pensativo, como se desconfiasse, mas não tivesse certeza.

Agora que consigo *enxergar* melhor, é bem mais fácil ser "superperceptiva".

Quando o Pr. George faz silêncio, é minha hora de agir.

Abro o livro no hino "*Castelo Forte*". Dobro os joelhos até conseguir retirar da capa, com extremo cuidado, meu violino, feito de uma bela e elegante madeira marrom-escuro e seu delicado arco. Levanto e me posiciono, pronta para tocar.

Mas, de repente, sinto as mãos ficarem pesadas demais, quase me impossibilitando de segurar o instrumento. O medo começa a dar as caras de novo. Respiro com um pouco de dificuldade.

Faço uma silenciosa oração, pedindo coragem e capacidade para conseguir ao menos acompanhar a partitura corretamente.

Sem querer, meu olhar esbarra nos olhos brilhantes de Theo, que estão focados em mim. Ele sorri feliz por eu finalmente encarar meu trauma e tentar superá-lo.

"*Tenho certeza de que você vai fazer isso novamente*", as palavras dele ecoam em minha mente. "*Espero ter a oportunidade de ouvir você tocar violino algum dia.*" Bem, o dia chegou, e ele terá essa oportunidade.

De todos os que conheço, ele foi o que mais confiou que eu faria isso de novo. Sou muito grata a ele por acreditar tanto assim em mim.

Sentindo que Deus me dá força e está ao meu lado, começo a tocar, mesmo com os dedos ainda um pouco travados e hesitantes. Sinto medo, sim, mas também há uma estranha sensação de liberdade no ar. É uma liberdade que nunca tinha experimentado antes, mas que não quero ignorar. Sinto que esse sentimento vem do meu Deus, que me libertou do pecado,

das garras do inimigo, de minhas vontades enganosas e também de minhas limitações.

É uma emoção revigorante, como se você estivesse correndo sem se cansar por maravilhosos bosques e campinas cheios de flores, com um delicioso aroma espalhado pelo ar. Sinto que, realmente, Deus é meu castelo forte, meu "refúgio e fortaleza", como diz o hino que toco.

Não tinha treinado essa música no violino antes, mas ensaiei em todos os outros instrumentos que sei tocar: flauta transversal, piano e violão; e decorei a partitura. Então, conforme vou tocando, as notas começam a fluir naturalmente. Claro que não como tocava antes, porque faz meses que mal olho para meu violino. Mas de repente sinto que a paz que me envolvia quando tocava tempos atrás voltou, mas agora com mais tranquilidade que antes, pois consigo sentir Deus ao meu lado.

Vejo que Jade, Ana Gabriela e toda a minha família, assim como vários dos presentes, estão emocionados ao ouvirem a música que produzo.

Theo estampa um enorme e lindo sorriso e seus olhos brilham feito dois diamantes coloridos. Gostaria de lhe falar que ele foi quem mais me encorajou a voltar a tocar, mas penso que posso fazer isso outra hora.

Quando a música acaba e ergo o arco, ouço uma longa e emocionada saudação de toda a congregação. Faço uma tímida reverência, agradecendo. Guardo o violino, fecho o hinário e saio, carregando apenas o instrumento (o restante pegarei depois) pelo mesmo local de onde vim.

Fecho a porta atrás de mim, sorrindo e segurando as lágrimas de emoção. "Obrigada, Senhor", oro em agradecimento. "Obrigada por me ajudar a encarar esse trauma. Muito obrigada por responder à minha oração!"

Epílogo

Depois de cumprimentar toda a igreja com Marco e receber muitos elogios pela "apresentação de violino", que, para mim, foi mais um ato de extrema coragem do que uma simples apresentação, volto para casa com minha família.

Jade e minha mãe prepararam um mega almoço para "comemorar" nossa decisão pelo batismo. Será em minha casa, e é claro que convidei meus cinco melhores amigos. E é óbvio que quase pulei de alegria quando quatro deles aceitaram (Bruno já tinha um importante compromisso marcado!).

Quando termino de ajudar minha mãe a arrumar a mesa, todos já chegaram. Converso um pouco com cada um antes de comermos, enquanto tento "fugir" da cinegrafista ambulante, também conhecida como Ana Gabriela, que quer me filmar a qualquer custo. Às vezes sua paixão por registrar tudo é irritante, mas também divertida.

Em certo momento, quando finalmente consigo despistar minha "paparazzi", subitamente Théo me dá um abraço de urso. É como se ele estivesse falando "meus parabéns" com um gesto.

- Sabia que voltaria a tocar! - ele exclama, sorrindo.

Viro-me para ele.

- Bem, duas pessoas me encorajaram a fazer isso - digo, imaginando que devo estar vermelha por causa de minha timidez.

- Uma eu sei que é Deus - ele diz, e concordo com a cabeça.

- E a outra? Quem é?

Hesito um pouco antes de responder:

- Você. Obrigada por acreditar em mim.

Ele parece surpreso e feliz ao mesmo tempo e... Bom, ele também fica um pouco vermelho.

- Ah, você me ajudou com minhas dores de cabeça - diz. - Já era hora de começar a retribuir.

De repente, um pensamento invade minha mente. "*Preciso fazer uma coisa! Agora!*"

- Theo, espere aqui que eu já volto - falo, afastando-me devagar. - Se alguém perguntar por mim, diga que volto daqui a cinco minutos, tudo bem?

- Espere! Aonde você vai, Violeta?

Abro um sorriso e olho para ele, já subindo as escadas, mas parando para falar-lhe:

- Riscar alguns "tópicos".

Ele fica completamente sem entender, mas seria difícil de explicar tudo em pouco tempo. E preciso fazer isso imediatamente. Talvez eu conte a ele mais tarde, mas sem dar muitos detalhes do que exatamente vou riscar.

Dou risada enquanto corro em direção ao meu quarto. Ao entrar, tranco a porta, para garantir que ninguém irá me incomodar. Acho que já tranquei a porta por um motivo semelhante a esse, mas, ao mesmo tempo, diferente. Algo a ver com os *Diários de Oração* de Ely.

Diante da cama, fico de joelhos e retiro debaixo dela a caixa que, um dia, foi de Elaray Clark.

Abro-a. Um suspiro escapa de minha boca ao ver as fotos que ela tirou comigo ou com as pessoas que antes eram desconhecidas para mim, mas que agora considero meus melhores amigos.

Cuidadosamente, com as mãos tremendo, lágrimas nos olhos e o coração cheio de emoção, pego o *Caderno de Objetivos Semanais*. Abro na primeira página que tem um objetivo que não está riscado. Leio-o mais uma vez: "Levar Violeta para junto de Jesus."

Sorrindo e com lágrimas caindo sobre as delicadas páginas do caderno, pego uma caneta e traço uma linha reta e horizontal sobre as palavras escritas quatro anos atrás, riscando o *último objetivo* de minha melhor amiga.

Elaray morreu, mas, mesmo assim, Deus traçou um plano para que seu último desejo fosse atendido. Um plano muito bem elaborado, em minha opinião. Ele só precisava de uma pessoa: eu.

"*Seu último objetivo está cumprido, Ely*", penso, imaginando qual seria sua reação neste momento. Provavelmente, ela me daria um enorme abraço e, talvez, choraria, assim como eu.

Fecho a caderneta, coloco-a na caixa e volto-a para debaixo da cama, onde sei que ficará segura.

Um sorriso se forma em meus lábios enquanto enxugo as lágrimas com as costas das mãos. Agora, os próximos objetivos que irei riscar estarão em minhas próprias páginas; em minha caderneta.

Levanto-me e desço as escadas correndo, com mais um motivo para comemorar hoje. Um sorriso radiante me acompanha.

Castelo Forte

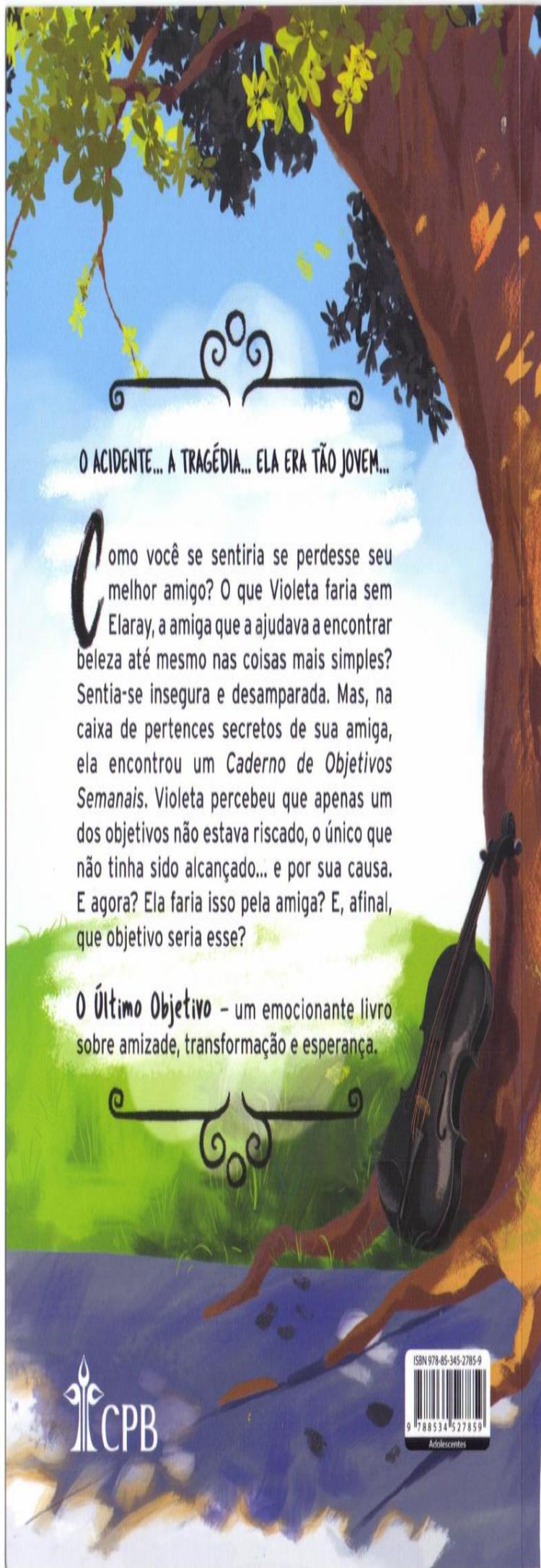
Martinho Lutero (1483-1546)

Castelo forte é nosso Deus, refúgio e fortaleza.
Com Seu poder defende os Seus, e os livra com presteza.
Com fúria pertinaz nos segue Satanás,
Com artimanhas tais e astúcias tão cruéis
Que iguais não há na Terra.

A nossa força nada faz, estamos, sim, perdidos;
Mas nosso Deus socorro traz, e somos protegidos.
Sabeis quem é Jesus, o que venceu na cruz?
Senhor dos altos Céus, e, sendo o próprio Deus,
Triunfa na batalha.

Se nos quiserem devorar, demônios não contados,
Não nos iriam assustar, nem somos derrotados.
O grande acusador dos servos do Senhor
Já condenado está; vencido cairá
Por uma só palavra.

Sim, que a Palavra vencerá, sabemos com certeza;
E nada nos assustará, com Cristo por defesa.
Se temos de deixar parentes, bens e lar,
Embora a vida vá, por nós Jesus está
E dar-nos-á Seu reino.



O ACIDENTE... A TRAGÉDIA... ELA ERA TÃO JOVEM...

Como você se sentiria se perdesse seu melhor amigo? O que Violeta faria sem Elaray, a amiga que a ajudava a encontrar beleza até mesmo nas coisas mais simples? Sentia-se insegura e desamparada. Mas, na caixa de pertences secretos de sua amiga, ela encontrou um *Caderno de Objetivos Semanais*. Violeta percebeu que apenas um dos objetivos não estava riscado, o único que não tinha sido alcançado... e por sua causa. E agora? Ela faria isso pela amiga? E, afinal, que objetivo seria esse?

O Último Objetivo – um emocionante livro sobre amizade, transformação e esperança.

CPB



ISBN 978-85-345-2785-9

9 788534 527859

Adolescentes